



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS PROF. ARISTON DIAS LIMA – SÃO RAIMUNDO NONATO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

WITNEY SANTOS MARQUES

**A COZINHA COMUNITÁRIA RAÍZES DO QUILOMBO E A EXPRESSÃO DAS
IDENTIDADES TERRITORIAIS NO TERRITÓRIO QUILOMBOLA LAGOAS,
PIAUÍ**

SÃO RAIMUNDO NONATO – PI

2024

WITNEY SANTOS MARQUES

**A COZINHA COMUNITÁRIA RAÍZES DO QUILOMBO E A EXPRESSÃO DAS
IDENTIDADES TERRITORIAIS NO TERRITÓRIO QUILOMBOLA LAGOAS,
PIAUÍ**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como requisito parcial à obtenção
do grau de Licenciatura Plena em Geografia
pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI.

Orientador: Prof. Dr. David Tavares Barbosa.

SÃO RAIMUNDO NONATO - PI

2024

Dedico este trabalho, primeiramente, à Deus,
pois sem ele nada disso seria possível.
Dedico também para minha mãe Teresa Pindaíba,
que sempre me apoiou e me incentivou nesse caminho.
Ela saiu da sua comunidade quilombola Moisés,
para morar em São Raimundo Nonato-PI,
só para que eu pudesse ter uma graduação. Foi também
uma das primeiras pessoas a contribuir com este trabalho,
pelo fato de ser uma das fundadoras do grupo de mulheres
da Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me proporcionar essa conquista e me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso.

Aos meus pais, irmãos e amigas, Carla e Bruna, por me auxiliar e pelas contribuições.

A professora Gerlane Dantas e Maxim Simões pelas contribuições ao longo da pesquisa.

Ao professor David Tavares, pelos ensinamentos que me permitiram a apresentar um melhor desenvolvimento profissional.

RESUMO

Nesse trabalho objetivamos analisar o papel da Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo no fortalecimento das identidades quilombolas para os agricultores da comunidade Moisés, localizada a cerca de 36km do centro do município de São Raimundo Nonato (Piauí), e dentro do Território Quilombola Lagoas. Inaugurada no ano de 2019, a Cozinha Comunitária busca criar estratégias de trabalho para as mulheres da comunidade, assim como fortalecer questões relacionadas à identidade da população quilombola. Para analisar essas questões, a pesquisa se apoiou na abordagem simbólico-cultural sobre o território, que considera a territorialidade como componente da condição humana e o território como produto da apropriação e valorização simbólica realizada por um grupo em relação com seu espaço vivido. Na operacionalização do trabalho, optamos por três estratégias metodológicas: a revisão bibliográfica sobre as temáticas centrais de pesquisa; trabalhos de campo na Comunidade Moisés e na Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo; e a realização de entrevistas e questionários com as mulheres que participam das dinâmicas da Cozinha Comunitária. Como resultados, destacamos a importância da Cozinha para a geração de renda, para o protagonismo econômico das mulheres, assim como o papel exercido por esta Cozinha como um símbolo para o território quilombola e o papel expresso pelos alimentos produzidos para o fortalecimento das identidades quilombolas.

Palavras-chave: Cozinha comunitária; território quilombola Lagoas; identidades territoriais; mulheres quilombolas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Sede da Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo, Comunidade Moisés	08
Figura 02 – Localização do Território Quilombola Lagoas	20
Figura 03 – Comunidade Moisés vista a partir do Morro do Moisés	22
Figura 04 – Lajedo e figura lapeada da Lagoa Velha ou Lagoa do Cativoiro	25
Figura 05 – Quintal produtivo e animais criados soltos na Comunidade Moisés	26
Figura 06 – Fotografia aérea da Comunidade Moisés	27
Figura 07 – Folder de inauguração da Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo	28
Figura 08 – Identidade visual da Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo	30
Figura 09 – Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo em 2019 e 2024	32
Figura 10 – Quintal produtivo na Comunidade Moisés	37
Figura 11 – Produtos da Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Perfil geral das entrevistadas	35
Quadro 02: Relação das entrevistadas com a cozinha	40
Quadro 03: Relações entre a Cozinha Comunitária e os agricultores	42
Quadro 04: Aproveitamento dos produtos dos agricultores pela Cozinha	44
Quadro 05: Relação da Cozinha com a Caatinga	45
Quadro 06: Relações de trabalho e atividades econômicas relacionadas com a Cozinha	47
Quadro 07: Relação entre a culinária e a identidade quilombola	50
Quadro 08: Importância da Cozinha para a comunidade Moisés e Território Lagoas	51
Quadro 09: Pertencimento ao Território Lagoas	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO 1 – O TERRITÓRIO E A QUESTÃO QUILOMBOLA	11
1.1. O território	12
1.2. As identidades territoriais	15
1.3. Os quilombos e os territórios etnicamente diferenciados	17
CAPÍTULO 2 – ENTRE A COZINHA E O TERRITÓRIO	19
2.1. Território Quilombola Lagoas	19
2.2. Comunidade Moisés	22
2.3. Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo	27
CAPÍTULO 3 – A COZINHA COMUNITÁRIA RAÍZES DO QUILOMBO COMO UMA EXPRESSÃO TERRITORIAL	34
3.1. Mulheres que cozinham e expressam seu território	35
3.2. Relações entre a Cozinha e os agricultores	42
3.3. Fortalecimento da cultura quilombola pela Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICES	57

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho apresentamos como objetivo compreender o papel exercido pela Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo no fortalecimento da cultura quilombola e das identidades territoriais na comunidade Moisés, Território Quilombola Lagoas (São Raimundo Nonato, Piauí). Com aproximadamente 70 famílias¹, de acordo com o levantamento populacional realizado por Carla, líder comunitária da comunidade e vinculada à Associação do Território Quilombola Lagoas, essa comunidade se encontra na zona rural do município de São Raimundo Nonato, próximo das comunidades São Victor, Firmeza e Pedra do Mocó, no sentido do município de Várzea Branca.

A escolha deste tema se deu, primeiramente, pela minha proximidade com a área de estudo, assim como pela experiência particular vivenciada na comunidade. Com meu pai sendo morador da comunidade desde que nasceu e minha mãe da comunidade Lagoa Grande – próxima da comunidade Moisés – passei a morar na comunidade a partir dos seis anos, permanecendo lá até a atualidade. Por ser moradora da comunidade, passei a trabalhar na Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo, fundada em 2019, assumindo a vaga que era da minha mãe no ano de 2022. Desde então, tenho contribuído na produção de pães, de geleias de umbu, de tapioca e beiju, assim como nas demais atividades realizadas na cozinha. Assim, foi a partir das observações realizadas nessa cozinha comunitária e suas relações com a comunidade Moisés que surgiu o interesse de analisar o papel da referida cozinha para resgatar a cultura quilombola e as identidades territoriais no Território Quilombola Lagoas.

A cozinha comunitária foi planejada para fortalecer um projeto pensado por mulheres agricultoras da comunidade que produziam, de forma individual, sequilhos, pães, bolos, geleia de umbu e outros produtos buscando complementar a renda familiar. Como uma dessas mulheres agricultoras, minha mãe foi uma das fundadoras do projeto da Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo. Inaugurada em 2019, a Cozinha surgiu a partir da articulação entre a Associação do Território Quilombola Lagoas com a Cáritas Diocesana de São Raimundo Nonato e outras instituições.

Desde então, essa cozinha tem assumido a importância de gerar renda para as famílias, de promover uma articulação dos moradores do território quilombola com instituições como o

¹ De acordo com o levantamento populacional realizado no ano de 2024 por Carla Pereira Pindaíba, uma das lideranças da Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo e membro da Associação Territorial do Quilombo Lagoas. A partir dos dados apresentados por Carla, revisamos e atualizamos as informações de acordo com a constituição de novas famílias na comunidade.

IFPI e a Secretaria Municipal de Educação de São Raimundo Nonato, através da participação em projetos como o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação² (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos³ (PAA).

Figura 01 – Sede da Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo, Comunidade Moisés



Fonte: João Vitor Marques, novembro 2024.

Considerando essas questões iniciais, construímos algumas questões de pesquisa que buscaremos responder neste trabalho. Enquanto **questão central**, destacamos: como a Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo atua para resgatar a cultura quilombola e as identidades territoriais dos agricultores da comunidade Moisés (Território Quilombola Lagoas, São Raimundo Nonato, Piauí)? Para ajudar na resposta à questão central, também apresentamos algumas questões secundárias: o que é e qual a função da Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo? Quais as atividades agrícolas realizadas na comunidade Moisés? Qual a importância do fortalecimento das identidades territoriais no contexto do Território Quilombola Lagoas?

² O PNAE é um importante programa do governo nacional voltada para a alimentação escolar que busca garantir que a alimentação escolar valorize produtos locais da agricultura familiar, além de buscar garantir o acesso a uma alimentação escolar saudável e de qualidade. Esse programa é responsável por contemplar os estudantes das redes públicas, incluindo escolas urbanas e rurais, de áreas remanescentes de quilombo e das aldeias indígenas. Maiores informações: <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/inclusao-productiva-rural/paa/paa-ci/pnae/pnae#:~:text=O%20PNAE%20tem%20car%C3%A1ter%20suplementar,ano%20anterior%20ao%20do%20atendimento>. Acesso em: 03 jun. 2024.

³ O PAA é um programa de aquisição de alimentos que tem por objetivo a compra de alimentos produzidos pela agricultura familiar, com dispensa de licitação, destinando-as para pessoas em situação de insegurança alimentar e nutricional e aquelas atendidas pela rede socioassistencial. Maiores informações: <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/inclusao-productiva-rural/paa>. Acesso em: 03 jun. 2024.

A partir dessas questões, apresentamos o **objetivo geral** da pesquisa: Analisar de que forma a Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo atua como uma continuidade da cultura quilombola e das identidades territoriais dos agricultores da comunidade Moisés, Território Quilombola Lagoas (São Raimundo Nonato, Piauí).

Para auxiliar nas respostas ao objetivo geral e no desenvolvimento da pesquisa alguns objetivos específicos foram construídos e são destacados a seguir: caracterizar a Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo; apresentar as atividades da agricultura realizadas na comunidade Moisés; compreender a importância do fortalecimento das identidades territoriais do Território Quilombola Lagoas no contexto do semiárido piauiense.

Nesse trabalho, a leitura do território será fundamentada através da abordagem cultural-simbólica que considera a territorialidade como um componente indissociável da condição humana. Nessa perspectiva, o território é visto como o produto da apropriação e valorização simbólica realizada por um grupo em relação com seu espaço vivido (Haesbaert, 2011; Souza, 2013; Bonnemaïson, 2012). Da mesma forma, considerando que o recorte do nosso estudo envolve uma territorialidade definida por um marcador étnico-racial e por uma ocupação baseada na ancestralidade, também nos apoiamos no debate sobre a configuração de territórios etnicamente diferenciados (Ratts, 2003).

Para a operacionalização do trabalho, optamos pela realização de três procedimentos metodológicos: (i) revisão bibliográfica acerca das temáticas centrais da pesquisa; (ii) trabalhos de campo na Comunidade Moisés e na Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo; e (iii) a realização de entrevistas e questionários com as mulheres que participam das dinâmicas da Cozinha Comunitária.

Na revisão bibliográfica, consideramos a abordagem proposta por Azevedo, Urias e Oliveira (2023) e Botelho e Cunha (2011), que consideram essa etapa como uma revisão de caráter qualitativo onde destacamos a discussão teórico-metodológica sobre o tema discutido. Na visão desses autores, é importante definir critérios claros sobre a seleção dos autores e obras utilizados no texto, deixando mais evidente o conhecimento sobre o estado da arte do tema investigado.

Assim, considerando a perspectiva apresentada por esses autores, construímos a revisão bibliográfica desta pesquisa, no contexto da disciplina Organização do Território, ministrada

pelo professor David Tavares Barbosa, onde participei como monitora⁴. A revisão bibliográfica foi construída a partir de seis passos, destacados a seguir:

1. Primeira etapa: definição das palavras-chaves de pesquisa e das estratégias de busca. As palavras-chaves foram selecionadas buscando sintetizar os principais temas e conceitos abordados na pesquisa. A partir dessa questão, as palavras selecionadas foram “quilombo”, “território”, “território quilombola”, “identidade territorial”, “cultura quilombola” e “cozinha comunitária”. Através dessas palavras, fizemos a pesquisa de artigos e publicações nas plataformas “Google Acadêmico”, “SciELO” e no Portal de Periódicos da Capes. A partir dos primeiros resultados obtidos, algumas dessas palavras foram associadas ao termo “geografia” para filtrar os trabalhos que tivessem mais relação com a temática e a área da pesquisa, como caso da palavra-chave “cozinha comunitária”.
2. Segunda etapa: Seleção de critérios para inclusão dos textos. Considerando a grande quantidade de textos sobre a temática, destacando-se, sobretudo, os resultados que foram obtidos na pesquisa sobre “território”, “território quilombola” e “identidade territorial”, escolhemos alguns critérios para a seleção dos textos utilizados na pesquisa. Os critérios foram: identificação dos autores mais citados e que dialogassem com a abordagem cultural sobre a temática; a presença das palavras-chave no título; relação com o contexto geográfico analisado.
3. Identificação de estudos selecionados pelos critérios. Nesta fase, observamos que alguns autores são mais citados na fundamentação teórica para a discussão do conceito de território, destacando-se Rogério Haesbaert, Marcelo Lopes de Souza, Claude Raffestin, Marco Aurélio Saquet, Milton Santos e Alex Ratts, dentre outros.
4. Síntese (fichamento) das principais informações de cada estudo;
5. Análise qualitativa e interpretação dos resultados;
6. Exposição da metodologia e dos resultados obtidos.

Sobre o diálogo com as mulheres da Cozinha Comunitária, levando em consideração a minha participação e envolvimento pessoal com o projeto, o trabalho de campo e as entrevistas foram realizadas pela inspiração no método de pesquisa qualitativa “observação participante” e nas reflexões sobre o “desafio da proximidade”, proposto por Velho (2003). A partir dessas questões, buscamos desenvolver a pesquisa pela investigação do *meu* próprio meio, na tentativa

⁴ Esse levantamento também foi realizado nas atividades das disciplinas de Prática de Pesquisa (2023.2), e Trabalho de Conclusão de Curso (2024.2).

de estranhar o familiar na observação das redes de relações sociais e buscando transformá-lo em objeto de pesquisa.

Nessa perspectiva, inicialmente foi planejado a realização de um questionário básico para a construção de um breve perfil de todas as dezoito participantes do projeto. Além disso, planejamos realizar cinco entrevistas semiestruturadas com algumas mulheres selecionadas. No entanto, por conta de algumas recusas nas respostas, realizamos o questionário básico com onze participantes e um questionário mais detalhado com cinco trabalhadoras da Cozinha (as entrevistadas E01, E03, E09, E10 e E11, sendo três destas mais antigas e duas mais jovens). As perguntas para as entrevistas foram feitas de forma semi-estruturada e o guia para as entrevistas pode ser consultado em anexo.

Além da entrevista com as mulheres que trabalham na Cozinha, realizamos uma entrevista no dia 08 de julho de 2024 com a professora Gerlane Dantas da Silva (do curso de Gastronomia do Instituto Federal do Piauí, campus São Raimundo Nonato). Decidimos realizar a entrevista com a professora Gerlane pois ela teve uma participação direta no projeto de construção da Cozinha, assim como na continuidade da cultura alimentar do território quilombola. Vale destacar que a professora participou do processo de construção da Cozinha em diálogo com o projeto de pesquisa “Quilombo, cultura e alimentação: estudo etnográfico das práticas e saberes alimentares do Território Quilombola Lagoas”, que coordenou no IFPI no ano de 2019 (ano da inauguração da Cozinha). Da mesma forma, a professora também coordenou, a partir de 2020, o projeto de extensão “Cozinha Comunitária: saberes e sabores no Quilombo Lagoas”⁵. Nesse sentido, a entrevista com a professora foi importante para compreendermos a sua participação e seus olhares sobre a Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo.

⁵ Informações disponíveis no Currículo Lattes da professora Gerlane. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6940447841265969>. Acesso em: 23 set. 2024.

CAPÍTULO 1 – O TERRITÓRIO E A QUESTÃO QUILOMBOLA

Neste capítulo, iremos abordar a questão quilombola a partir de uma leitura do território e das identidades territoriais. A partir de uma discussão teórica, buscaremos analisar como os territórios quilombolas no Brasil contribuem para a reflexão sobre a formação territorial do Brasil. Na primeira parte, iremos discutir o conceito de território, apresentando algumas leituras e abordagens teóricas que irão nos ajudar a compreender a expressão territorial do território quilombola Lagoas. Na segunda parte, buscaremos compreender a forma como as identidades territoriais se expressam e suas especificidades no caso quilombola. Por fim, na terceira parte do capítulo iremos abordar como que os quilombos, no contexto brasileiro, correspondem a uma expressão de territórios etnicamente diferenciados, de acordo com a abordagem de Ratts (2004).

1.1. O território

Na Geografia, considera-se que a dimensão espacial e a territorialidade correspondem a componentes indissociáveis da condição humana (Haesbaert, 2011; Souza, 2013). De acordo com esses autores, os indivíduos, grupos, comunidades e sociedades encontram-se sempre inseridos num contexto geográfico ou territorial, sendo o território e a territorialidade questões inerentes à espacialidade humana. Ainda segundo esses autores, essa territorialidade é composta por diversas dimensões: a materialidade das relações sociais e destas com a natureza; as relações de poder (do Estado, dos encontros sociais etc.); a dimensão simbólica e identitária, dentre outras.

Antes de apresentar algumas definições sobre o conceito de território, é importante mencionar que existem múltiplas definições e usos desta palavra, que podem variar de acordo com a abordagem teórico-metodológica empregada ou com o contexto político-social em que esta é empregada. Assim, destaca-se que o conceito de território é central para disciplinas como a Geografia, a Antropologia e a Biologia, sendo possível observar abordagens distintas em cada uma dessas disciplinas. Da mesma forma, a palavra “território”, para além dos usos científicos, também é usualmente utilizado como uma ferramenta política no contexto de demandas de grupos e movimentos sociais, como o caso das populações tradicionais (quilombolas, indígenas, agricultores tradicionais etc.).

Na Geografia, perspectiva adotada neste trabalho, o território pode ser compreendido em um primeiro momento, como um espaço delimitado por um poder, que delimita fronteiras para controlar ou reivindicar a posse deste território por um determinado grupo. Como destaca

Souza (2013, p. 78), o território pode ser compreendido como a projeção espacial de relações de poder, sendo o território “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”. De acordo com esse autor, algumas questões primordiais sobre o conceito de território e sua aplicação envolvem a compreensão sobre quem domina, governa ou influencia; como domina, governa ou influencia; e quem domina... quem e como (Souza, 2013).

Assim, esse conceito envolve, nessa perspectiva inicial, relações de poder, de soberania e de apropriação espacial. Nessa abordagem, o território vai além da simples delimitação física. Ele é o resultado de processos políticos, econômicos e/ou sociais que refletem o controle e a influência de atores sobre um recorte espacial específico. Portanto, nessa perspectiva, o território está diretamente associado à ideia de espaço organizado e governado. Raffestin (1993, p. 144), em diálogo com essa perspectiva, ao considerar o território em sua concepção político-administrativa, destaca que o território “é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder”.

Milton Santos, em uma abordagem muito conhecida, destaca que o território se define a partir do uso, onde o território pode ser compreendido a partir da dinâmica dos lugares e do acontecer solidário. Esse território e seus usos contribuem para gerar valores de múltiplas naturezas, gerando valores culturais, antropológicos, econômicos, sociais e financeiros (Santos, 2005).

Entretanto, na Antropologia, o território é considerado a partir de uma outra perspectiva, sendo tratado de uma forma mais relacional e mais simbólica. De acordo com algumas leituras da disciplina, o território não se limita apenas ao espaço físico e nem às relações de poder, mas envolve as práticas culturais e as identidades das populações que o ocupam. O território, nessa perspectiva, é visto como um lugar de pertencimento, com significados profundos para os povos, especialmente para comunidades tradicionais, como grupos indígenas e quilombolas. Assim, o território encontra-se intimamente ligado às relações sociais, às tradições e à história de um determinado grupo, podendo ser visto como uma construção social que envolve, além do controle sobre um espaço, a vivência cultural e simbólica associada a ele.

De volta à Geografia, Haesbaert propõe uma abordagem importante sobre o território, que possibilita uma melhor compreensão do conceito para os propósitos desta pesquisa. Esse autor apresenta o território de acordo com três vertentes diferentes, sendo elas: a abordagem jurídico-política, a abordagem simbólico-cultural e a abordagem econômica. Na primeira, o território é considerado como um espaço delimitado e controlado sobre o qual é exercido um determinado poder, geralmente considerado as relações de poder institucionalizadas e/ou de caráter estatal. Na segunda, o território é visto fundamentalmente como produto da apropriação

e valorização simbólica realizada por um grupo em relação ao seu espaço vivido. Por fim, a terceira perspectiva considera o território como uma fonte de recursos e como um produto espacial onde se expressam os embates entre classes sociais e as relações capital-trabalho (Haesbaert, 2011).

Portanto, podemos observar que o conceito de território tem sido explorado na Geografia através de diferentes abordagens que vão desde as dimensões políticas e econômicas até as questões culturais e simbólicas. Neste trabalho, considerando as especificidades da questão territorial no quilombo Lagoas, iremos priorizar as reflexões a partir dessa perspectiva simbólico-cultural e identitária do território que, na Geografia, pode ser compreendida a partir da abordagem destacada por Haesbaert (2011). Conforme destacado acima, de acordo com a abordagem de Haesbaert (2011), podemos considerar o território, através dessa perspectiva cultural como um produto da apropriação e valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido, destacando a importância dos significados culturais e das representações simbólicas atribuídas aos espaços pelos grupos sociais que os habitam.

Rogério Haesbaert corresponde a um dos principais teóricos brasileiros a analisar o conceito de território, considerando-o de maneira crítica e abrangente. Para ele, o território não deve ser reduzido apenas a um espaço físico delimitado, mas deve ser compreendido como uma construção multifacetada, que envolve dimensões políticas, econômicas, culturais e simbólicas (Haesbaert, 2010). Observa-se nas ideias desse pesquisador que o território é carregado de significados culturais, sendo uma construção simbólica influenciada pela identidade e pelos sentimentos de pertencimento dos indivíduos e das comunidades. Os significados são atribuídos ao território por meio das experiências vividas, das práticas sociais e das narrativas construídas ao longo do tempo. Nesta pesquisa, buscamos demonstrar como os hábitos alimentares e a culinária contribuem para esse processo.

Assim, na questão da territorialidade, segundo a perspectiva de Haesbaert, precisamos considerar a forma como os indivíduos e os grupos constroem e ressignificam os territórios, expressando suas identidades culturais e exercendo poder sobre o espaço (Haesbaert, 2010). Logo, o território e a territorialidade podem ser compreendidos como uma prática dinâmica e simbólica, que reflete a interação constante entre cultura e espaço, diretamente vinculada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado aos seus lugares (Haesbaert, 2010).

Nessa perspectiva, o território é fundamental para a formação da identidade de um grupo social. Como destaca Haesbaert (2010), ele não é apenas um espaço físico, mas um lugar que conserva valores, crenças e memórias compartilhadas. Assim, o território pode ser apreendido

como uma expressão da identidade cultural, funcionando como um elemento de resistência e pertencimento em face de mudanças sociais e políticas.

Outra contribuição que nos ajuda a compreender o território como uma construção social e cultural corresponde àquela apresentada por Bonnemaïson (2002), que compreende o território como uma construção simbólica. Esse autor considera que os territórios são estruturados pela cultura e pelas tradições locais, sendo apropriados simbolicamente por meio de práticas sociais, rituais, mitos e histórias que conferem identidade aos lugares. Assim, os territórios seriam carregados de significados e valores simbólicos, sendo construídos e ressignificados pelos grupos sociais através dos mitos, dos rituais e das narrativas, que atribuem um sentido profundo ao território.

De acordo com o autor, os símbolos e narrativas ajudam a “territorializar” o espaço, transformando-o em um lugar significativo que reflete a identidade cultural de uma comunidade. O território torna-se, então, um palco onde são representados os valores e as identidades da comunidade, refletindo as histórias e memórias compartilhadas (Bonnemaïson, 2002). Em seus textos, observa-se a importância que esse autor atribui aos rituais na construção das identidades territoriais. Esses rituais funcionam como práticas culturais que reforçam o vínculo dos indivíduos com o território, celebrando suas histórias e fortalecendo o sentimento de pertencimento. Através desses rituais, as comunidades reafirmam seus laços com o espaço, renovando simbolicamente suas formas de ocupação e sua identidade coletiva.

Portanto, observa-se que a interpretação do território na perspectiva cultural-simbólica, conforme as abordagens apresentadas acima, revela uma compreensão do território como uma construção social, cultural e simbólica. Nessa abordagem, o território vai além das dimensões físicas e geopolíticas, sendo um espaço carregado de significados e identidades culturais. Trata-se de uma abordagem que evidencia o papel das práticas culturais e dos símbolos para construir as identidades e os significados aos espaços.

1.2. As identidades territoriais

A abordagem simbólico-cultural do território demonstra que toda cultura se encarna em uma forma de territorialidade e que esta territorialidade tem relação com a dimensão vivida por um determinado grupo humano, em contexto social e geográfico específico (Haesbaert, 2013; Bonnemaïson, 2002). Assim, o território seria compreendido mais pela relação social e cultural que o grupo mantém com uma trama de lugares do que com os sentidos de fronteira (abordagem política) e apropriação (abordagem biológica).

Essa abordagem permite-nos compreender o território a partir dos grupos e indivíduos, a partir da forma como estes constituem seus territórios a partir da dimensão vivida do espaço, da interação diária das pessoas com o espaço, que envolve uma dimensão simbólica e subjetiva, mas também concreta e material (Paula, 2011, p. 109).

Na reflexão sobre essa abordagem teórica, entre os conceitos mais importantes para se compreender as ideias desenvolvidas neste trabalho, destaca-se o conceito de identidade. Em texto intitulado “*Identities territoriais*”, Haesbaert (2013) confronta algumas proposições sobre o conceito e também trata da dificuldade em chegar a uma única definição, colocando-o como um paradoxo. Sobre identidade territorial, de uma forma geral, e conforme destaca Haesbaert (2013, p. 235), podemos compreender que:

toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente por meio do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo, assim, parte fundamental dos processos de identificação social [...] De uma forma muito genérica, podemos afirmar que não há território sem algum tipo de identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) do espaço por seus habitantes (Haesbaert, 2013, p. 235).

Portanto, de acordo com o autor mencionado, toda identidade territorial é também uma identidade social, mas o oposto não necessariamente é verdadeiro. Entretanto, torna-se possível assegurar que não há território que não seja identificado ou valorizado por seus habitantes (Haesbaert, 2013). Seguindo essa linha de raciocínio, este autor desenvolve uma reflexão sobre o conceito de identidade socioterritorial que, nas palavras do autor, “trata-se de uma identidade em que um dos aspectos fundamentais para sua estruturação está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto concreto” (Haesbaert, 2013, p. 238).

Em complemento, Bonnemaïson (2002) destaca que essas identidades territoriais podem construir um território mais fechado ou mais aberto aos aliados e vizinhos. Existem aqueles grupos que, em nome de suas identidades territoriais, constroem o território com uma fronteira ou uma demarcação bastante nítida, que o separa dos demais. Essa seria a característica da abordagem territorial da maioria dos Estados modernos. Entretanto, considerando nosso caso de pesquisa, pensamos que essas identidades territoriais costumam construir seus territórios mais como um “núcleo” do que como uma muralha, a partir de um tipo de relação afetiva e cultural com a terra, reflexo de sua apropriação do espaço. A identidade territorial pode ser compreendida como um tipo de proteção, conforme o trecho destacado a seguir:

Num mundo em crise de valores e de sentido como o nosso, a questão da identidade volta ao centro das atenções [...] Trata-se não somente de defender um direito à diferença [...] mas também de resistir ao sem sentido de uma sociedade globalmente mercantilizada e na qual tudo é passível de transformar-se em valor contábil [...] Paralelamente a essa mercantilização, a identidade também pode ressurgir como uma

forma, consciente ou não, de contraposição ao processo excludente engendrado pela globalização (Haesbaert, 2013, p. 234).

Assim, podemos compreender que as identidades territoriais são as identidades que tem no território um dos fundamentos de sua construção. São identidades que um dos aspectos identitários fundamentais para a sua organização está na alusão ou referência ao território, no sentido concreto e/ou simbólico. Por exemplo, um grupo quilombola que constrói a sua relação e identidade com determinado território, onde ser quilombola tem relação com a terra que esses grupos, e seus ancestrais, ocuparam e construíram historicamente. E esse território se expressa a partir de formas concretas – padrões de ocupação das terras, existência de lugares de memória e marcos construídos – ou de forma simbólica – lugares de importância religiosa etc. Portanto, as identidades territoriais se situam em um espaço que é simbólico, social e historicamente produzido (Haesbaert, 2013).

1.3. Os quilombos e os territórios etnicamente diferenciados

Ao discutirmos questões referentes a um grupo quilombola precisamos considerar que, como destaca Lima et al (2024), O termo e o significado sobre o termo “quilombo” variou e assumiu diferentes significados ao longo do século XX. Conforme esses autores, ao longo do processo histórico brasileiro os quilombos receberam algumas definições que indicam uma interconexão entre a resistência étnica e política por comunidades negras, sobretudo rurais, nos períodos históricos que abrangem a colônia, o império brasileiro e que se estendem até o cenário contemporâneo.

Ainda de acordo com esses autores, os quilombos surgem como uma instituição ligada à organização e mobilização da população negra contra a ordem de dominação colonial e monárquica, tendo o seu surgimento relações com os contextos das guerras coloniais-indígenas e dos processos de fugas de pessoas escravizadas desde o sistema colonial (Lima et al, 2024). Por conta desse contexto de fugas e resistências, os quilombos foram vistos historicamente pela sociedade branca como lugares de negros, de perigo e de ameaça. Entretanto, destaca-se que esses espaços também foram percebidos como lugares de liberdade, de resistência e de fortalecimento das identidades socioterritoriais da população negra.

Neste sentido, buscando uma definição contemporânea, Faria (2016, s. hj/p) busca destacar esse papel de resistência e de liberdade desses territórios, considerando as terras quilombolas da seguinte forma:

As terras de quilombos são territórios étnico-raciais com ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias. Elas expressam a

resistência a diferentes formas de dominação e a sua regularização fundiária está garantida pela Constituição Federal de 1988 (Faria, 2016, s/p).

Ainda de acordo com Faria (2016), nesse contexto contemporâneo o órgão federal responsável pela titulação dos quilombos é o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), conforme o Decreto 4.887/2003. Igualmente, Faria (2016) complementa que o Distrito Federal, os estados e os municípios também são parte desse processo de titulação dos territórios quilombolas, com uma competência concorrente à realizada pelo INCRA. Para o processo de titulação, o INCRA elabora um conjunto de Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação (RTID) que reúnem informações fundiárias e cadastrais das famílias, assim como a caracterização antropológica, histórica, econômica e ambiental da área quilombola (Faria, 2016).

Considerando a importância do INCRA como a autarquia competente no processo de titulação dos territórios quilombolas, é importante destacar a forma como esse órgão define os quilombos no Brasil. De acordo com esse órgão:

As comunidades quilombolas são grupos étnicos – predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana –, que se autodefinem a partir das relações específicas com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias. [...] As terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos são aquelas utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural. Como parte de uma reparação histórica, a política de regularização fundiária de Territórios Quilombolas é de suma importância para a dignidade e garantia da continuidade desses grupos étnicos⁶ (INCRA, 2024, s/p).

Assim, as terras de quilombos no Brasil são territórios definidos por um marcador étnico-racial e por um processo de ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco, em tradições culturais próprias e por uma relação particular com determinado território (urbano ou rural). Apesar de serem questionados politicamente no contexto brasileiro, são territórios que expressam uma resistência a diferentes formas de dominação e a sua regularização fundiária está garantida pela Constituição Federal de 1988 (Faria, 2016). Portanto, pode-se compreender que as terras quilombolas são territórios construídos na luta, no embate diante de uma ameaça que, no extremo, é a ameaça à própria existência dessa população. Frente à essa ameaça, onde a resistência assume uma importância central, os territórios quilombolas seriam construídos para manter as sociabilidades vivenciadas, buscando preservar a vida e as territorialidades que são observadas em tais territórios (Haesbaert, 2020).

⁶ Informações disponíveis em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/quilombolas>. Acesso em: 23 set. 2024.

Com base em Haesbaert (2020), podemos considerar que quilombolas correspondem a grupos cuja existência se expressa a partir de uma relação indissociável entre seus corpos, seus afetos e com os espaços de vivência cotidiana, cuja territorialidade se constrói a partir de uma ruptura com a visão dicotômica (entre a materialidade e a espiritualidade, a sensibilidade e a consciência, a natureza e a sociedade e o corpo e o espírito). Assim, de acordo com essa leitura, pode-se compreender as terras quilombolas como um território construído a partir de uma perspectiva relacional, onde a dimensão do corpo/da corporeidade – como no caso das mulheres quilombolas aqui analisadas – revela-se central para compreendermos o seu conteúdo simbólico ou espiritual, que se expressa desde os “territórios-corpo”.

Também é importante destacar que Ratts (2003) considera que as terras quilombolas podem ser compreendidos como territórios etnicamente diferenciados pois são constituídos por grupos identitários que buscam o reconhecimento das suas identidades, assim como garantir a segurança jurídica do seu direito à propriedade para romper com o ciclo de segregação socioespacial. Conforme destacam Santos (2022) e Silva (2023), para o Território Lagoas esse reconhecimento das identidades e a segurança jurídica da sua propriedade são questões centrais pois a terra é uma questão importante para a sobrevivência do quilombo e para a garantia das condições de existência das(os) quilombolas, sobretudo no contexto contemporâneo em que as comunidades encontram-se ameaçadas perante o projeto de exploração de minérios no território Lagoas.

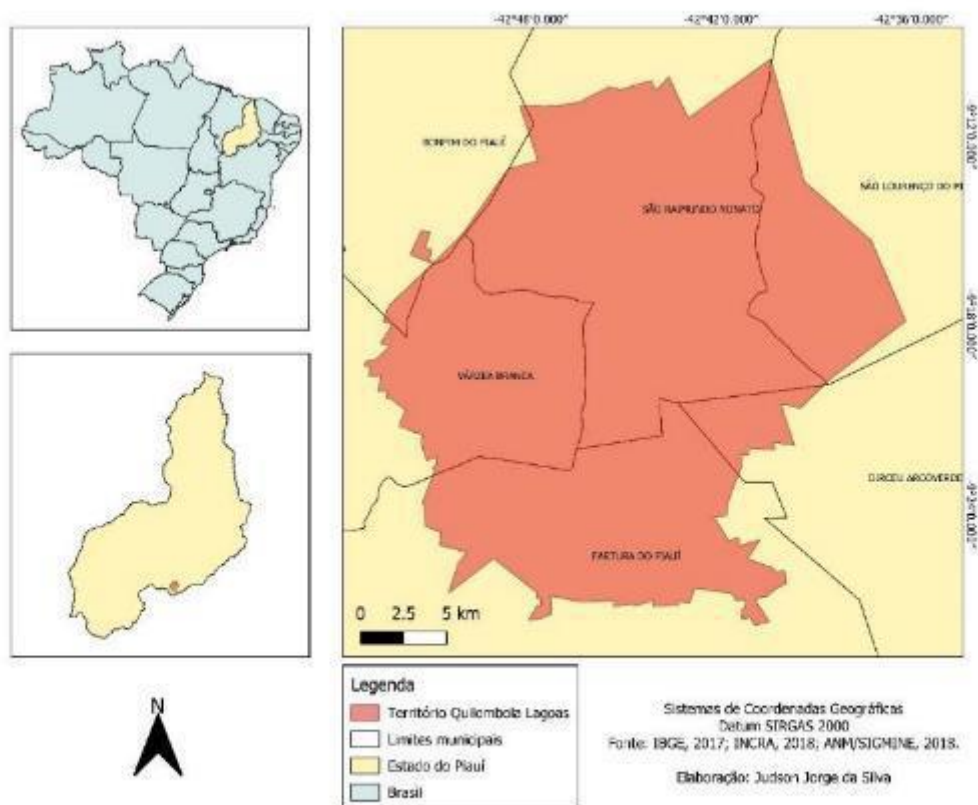
A partir dessas questões passaremos agora a analisar o Território Quilombola Lagoas e a Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo.

CAPÍTULO 2 – ENTRE A COZINHA E O TERRITÓRIO

2.1. Território Quilombola Lagoas

O Território Quilombola Lagoas, situado no semiárido piauiense e no Território de Desenvolvimento Serra da Capivara, corresponde ao segundo maior em área contínua no Brasil e ao terceiro com maior população quilombola do país: território com mais de 62 mil hectares e população de 5.040 pessoas (Faria, 2016; Lima et al, 2024; IBGE, 2022). As terras do Território Lagoas englobam áreas de seis municípios do estado do Piauí: São Raimundo Nonato, Fartura do Piauí, Várzea Branca, Dirceu Arcoverde, São Lourenço do Piauí e Bonfim do Piauí.

Figura 02 – Localização do Território Quilombola Lagoas



Fonte: Silva, 2023.

Em processo de regularização territorial desde 1990, o Território Lagoas é constituído por 118 comunidades distribuídas que são agrupadas a partir de 12 núcleos: Núcleo São Victor, Núcleo Xique-Xique, Núcleo Lagoa dos Meninos, Núcleo Lagoa da Pedra, Núcleo do Angical,

Núcleo Fazenda do Meio, Núcleo Lagoa das Emas, Núcleo de Montes Claros, Núcleo de Umburana, Núcleo do Espinheiro, Núcleo da Lagoa Nova, Núcleo Lagoa da Firmeza. Essas áreas são definidas como localidades quilombolas que compõem o conjunto do território, sendo oficialmente delimitados como território a partir da variável étnico-racial e com ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias.

Inseridas na região semiárida e no bioma Caatinga, parte das pequenas comunidades que foram o Território Lagoas estão distribuídas em torno de aguadas, que podem ser compreendidas como áreas formadas naturalmente ou aprofundadas por escavação, que acumulam água no período chuvoso⁷. De acordo com Faria (2016), a ocupação territorial e distribuição populacional do Lagoas se deu, principalmente, a partir dessas aguadas, sendo necessário compreender a centralidade dessa disposição territorial. Conforme suas palavras:

[...] a distribuição espacial das várias comunidades do quilombo se deu preferencialmente em torno de pequenas aguadas, que são áreas baixas formadas naturalmente ou aprofundadas por escavação”, as quais costumam acumular água durante o período chuvoso. Considerando essa informação, podemos compreender que as pequenas lagoas foram fontes importantes para o estabelecimento e permanência das comunidades negras e dos seus animais na região. Inclusive, a “rica nomeação local das comunidades enfatiza a centralidade dessas fontes de água e também inclui nomes de animais e outras características da paisagem” (Faria, 2016, p. 6).

Somado a essa particularidade da localização das comunidades, uma das características principais do território é o cultivo das terras com a mão-de-obra familiar que garante boa parte do sustento das famílias, como também a criação de animais para o consumo doméstico. Da mesma forma, destaca-se que a área do quilombo Lagoas é uma grande região produtora de mel, com cerca de 600 toneladas de mel produzidas anualmente (Faria, 2016; Lima et al, 2024). Convém destacar que essas atividades encontram-se diretamente relacionadas com o perfil da ocupação territorial em torno das aguadas, onde a presença da água possibilita o desenvolvimento dessas atividades.

Conforme destacado por Lima et al (2024), o processo de ocupação territorial das terras do Lagoas se relaciona com o processo de colonização da região que hoje se denomina como o estado do Piauí. Esse processo de ocupação teve início na segunda metade do século 17, através do início da concessão de terras pela coroa portuguesa nesta região. Através desse processo, iniciou-se a instalação das primeiras fazendas de gado como uma estratégia para dominação do

⁷ Em entrevista com Carla Pereira, ela relatou que apesar de atualmente a maioria das lagoas estarem secas, antigamente existia uma lagoa em cada comunidade. Por exemplo, se as pessoas falassem que iriam para a Lagoa do Moisés, ou para a Lagoa Grande, as lagoas realmente existiam e foi ao redor e a partir delas que essas comunidades se desenvolveram.

território. Nesse processo de colonização das terras do Piauí, diversos grupos indígenas foram assassinados ou expulsos, sendo possível encontrar vários vestígios arqueológicos da ocupação indígena no território quilombola Lagoas.

Perante esse contexto histórico, a comunidade quilombola Lagoas se originou, sobretudo a partir das pessoas que eram escravizadas e saíram dessas fazendas para fundar o território quilombola. De acordo com Lima et al (2024) e Faria (2016), foi das fazendas São Victor, Sítio da Aldeia, Conceição, Dois Irmãos, Barrinha, Serra Velha e Fazenda Nova, destacando-se a centralidade da Fazenda São Victor para o processo de ocupação territorial da região. Sobre esse processo de ocupação, Lima et al (2024), a partir da fala do senhor Cláudio, uma das lideranças do Território Quilombola, destaca que:

Em conversa informal, em 2023, o senhor Cláudio Teófilo (ou Cláudio do Calango, denominação de uma das comunidades do Lagoas), importante liderança do Quilombo, nos contou que a comunidade começou, quando seus ascendentes receberam a alforria, em 1880, foram expulsos das fazendas e não havendo onde morar, aos poucos, construíram pequenos assentamentos nas proximidades das lagoas. Em sua fala, o senhor Cláudio Teófilo expressa que o Território Lagoas começou com sua família, pessoas livres; portanto, os quilombolas do Lagoas possuem relações consanguíneas e de afinidade.

Neste processo, o Território Lagoas começou a ser construído a partir da construção de pequenos assentamentos, de perfil rural, que se desenvolveram a partir de uma relação direta de convivência com as condições ambientais do semiárido nordestino. Como destacado pelo senhor Cláudio, na citação acima, muitos desses assentamentos se desenvolveram nas proximidades das lagoas e desenvolveram suas atividades adaptando-se às condições ambientais locais, como o caso da comunidade Moisés, que pode ser vista na imagem a seguir.

Figura 03 – Comunidade Moisés vista a partir do Morro do Moisés



Fonte: Keila Braz, novembro 2024.

De acordo com Lima et al (2024), as pessoas do Território Lagoas têm, a partir das suas vivências cotidiana, ressignificado o termo quilombo, especialmente a partir da mobilização da questão quilombola como um recurso político frente ao contexto de embates ambientais e políticos que se desenvolvem nas terras do território quilombola em torno da extração de minérios. Esse conflito envolve a atuação da empresa SRN Holding S. A. que, desde 2015, iniciou uma série de procedimentos perante os órgãos estaduais para emissão de licenças ambientais e de autorização de trabalhos para exploração de minérios no território quilombola (Silva, 2023; Oliveira, 2020).

2.2. Comunidade Moisés

A comunidade Moisés, localizada na zona rural de São Raimundo Nonato, a cerca de 36 km da sede do município, corresponde a uma localidade composta por aproximadamente 70 famílias. Conforme indicam os moradores mais velhos, a localidade foi construída nas terras adquiridas pelo senhor Zeferino, que chegou a essas terras e começou o desenvolvimento da localidade no início do século XX. A partir dessa formação inicial, a comunidade se formou e até hoje é formada pelas residências dos descendentes de Zeferino que foram ocupando e construindo a comunidade a partir das “terras de conjunto” que as famílias deixaram para o uso conjunto. Essa ocupação da comunidade Moisés pode ser resumida a partir do trecho a seguir, onde Matos (2013), a partir da fala de uma moradora da comunidade, destaca esse processo:

Lagoa do Moisés é localidade constituída das terras adquirida pelo senhor Zé Firino, que se situou ali no início do século XX. Mais tarde, situaram-se seus descendentes, Joana Marques, viúva de um dos filhos do Zé Firino: “meu sogro, ele comprou um terreno aqui e fez uma casinha, só morava eu e uma filha dele, cheguei aqui em 1952. Aí, foi situando (...). Ele comprou esse lugar era só para os de dentro do lugar mesmo” Joana Marques é mãe de Dona Maria, esta é casada com senhor Pedro, de Lagoa das Pombas. Este, por sua vez, é filho adotivo de Tia Tetê, ambos descendentes de povos mantidos em cativeiro na Fazenda São Victor.

A organização espacial dessa localidade configura o que Marli (moradora de Lagoa do Moisés) denomina “terra de conjunto”. Segundo ela há uma parte da localidade que as famílias deixaram para uso conjunto, do interesse de todos: construção de prédios de interesse do grupo, como a casa de farinha, a escola. Nesse espaço, há também residências, que descendentes de Zé Firino foram ocupando. No centro do povoado, há também um espaço onde é permitido comercializar pequenos pedaços de terras para construção de novas residências (Matos, 2013, p. 58).

Nesse processo, a comunidade Moisés foi formada a partir de uma relação direta com um corpo d’água chamado como Lagoa do Moisés. De acordo com Faria (2016), esse tipo de ocupação – de uma comunidade localizada no entorno de um corpo d’água ou de uma lagoa – é uma das principais características do processo de ocupação do território Lagoas. De acordo com suas palavras:

O território quilombola está inserido na região semiárida do país e no bioma caatinga, caracterizada pela escassez de chuvas e altas temperaturas. A distribuição espacial das várias comunidades do quilombo se deu preferencialmente em torno de pequenas *aguadas*, que são áreas baixas formadas naturalmente ou aprofundadas por escavação, que acumulam água no período chuvoso. As aguadas e as lagoas naturais são importantes fontes de água para a população e seus animais.

Uma rica nomeação local das comunidades enfatiza a centralidade dessas fontes de água, e também inclui nomes de animais e outras características da paisagem (Faria, 2016, p. 5).

Como destacou a autora, várias comunidades têm no seu nome a presença das fontes d'água ou de outros elementos da paisagem como marcadores simbólicos. Por exemplo, podemos citar os casos de Lagoa Grande, Lagoa do Calango, Lagoa da Gameleira, Lagoa do Mocó, Lagoa do Umbuzeiro, Lagoa das Emas, Lagoa São Vitor, dentre outras. Essas lagoas, além de terem uma importância na formação das comunidades, ainda hoje são uma importante fonte de água para as famílias, principalmente durante o período chuvoso na região semiárida.

Portanto, o território quilombola recebeu o nome de “Lagoas” devido a presença, na sua proximidade, de fontes de água e vínculos com diferentes aspectos da natureza, sobretudo da presença de corpos d'água. Na proximidade da localidade Moisés, a cerca de um quilômetro, encontra-se localizada uma dessas lagoas: a Lagoa Velha, ou Lagoa do Cativoiro, conforme é chamada por alguns moradores próximos. A importância dessa lagoa é tão destacada que foi construído, por parte dos moradores da comunidade Moisés, um roteiro turístico que leva os turistas que chegam na comunidade para apresentar as relações desta lagoa com o passado e o presente das pessoas que residem nessa parte do Lagoas.

A Lagoa Velha ou Lagoa do Cativoiro é uma grande área composta por lajedos e tanques de pedras que, dentre outros usos, é utilizado pelas mulheres da proximidade para lavar roupas, especialmente nos períodos que estão cheios de água, que ocorre normalmente nos meses de dezembro a março, períodos mais chuvosos da região. Neste espaço há também uma área de riacho, que no período de seca, em tempos passados os povos cativos construíram alguns barramentos que represam a água do riacho para comportarem água nos períodos de seca.

Nessa região dos lajedos também existem figuras lapeadas (desenhos) nas pedras que lembram pés de seriema e/ou ema, além de outro que parece um sol. Perante esses atrativos, as mulheres da comunidade Moisés recebem visitantes que querem conhecer essa porção do território quilombola e buscam realizar roteiros turísticos até a Lagoa Velha. Nesse roteiro, a Cozinha Comunitária costuma ser incluída na visita, assim como a degustação dos produtos produzidos por esta, destacando-se o consumo das paçocas de gergelim⁸, que ajudam os visitantes a não sentir muita fome enquanto estão fazendo as visitas de campo.

⁸ Um doce tradicional feito com gergelim triturado e misturado com mel ou rapadura.

Essa importância das lagoas para a formação das comunidades tem relação direta com o fato que, até hoje, muitas dessas comunidades apresentam como base do sustento de seus moradores a agricultura, que é desenvolvida nos moldes da agricultura familiar e em relação direta com esses corpos d'água. Entretanto, como destacado por Faria (2016), muitas dessas lagoas apresentam características inadequadas ao consumo humano direto e dos animais. Na comunidade Moisés, o consumo de água observado tem relação principalmente com a água proveniente da Barragem do Calango (uma barragem pública de médio porte, usada pelos moradores para as plantações e para a pesca) e das cisternas instaladas pelos programas do Governo Federal e projetos de instituições não governamentais.

Figura 04 – Lajedo e figura lapeada da Lagoa Velha ou Lagoa do Cativoiro



Fonte: i) Keila Braz, novembro 2024; ii) Bruna Marques, setembro 2024.

Na comunidade Moisés, o uso da água tem relação direta com as práticas da agricultura, que produz, principalmente, feijão, milho e mandioca, além da criação de animais (bode, porco e galinha) e da apicultura. Na comunidade, a mão-de-obra e a organização do trabalho advêm, sobretudo, dos núcleos familiares, gerando o sustento para muitas famílias. Essa característica é encontrada em muitas regiões onde a agricultura familiar é uma prática comum. É notório que a visibilidade que a agricultura familiar tem ganhado destaque, levando a Assembleia Geral das Nações Unidas a tornar o ano de 2014 o “Ano Internacional da Agricultura Familiar”. Segundo Silva (2016, p. 244), isso foi uma:

Forma de reconhecer a importância desse segmento socioprodutivo na promoção da segurança alimentar e erradicação da pobreza no mundo, e também para chamar a

atenção de governos nacionais para a promoção de políticas e programas de apoio a suas atividades produtivas.

Esse reconhecimento sugere uma discussão sobre muitos aspectos relacionados à agricultura familiar, sobretudo no que diz respeito às dificuldades encontradas pelos agricultores, às políticas públicas e programas governamentais de apoio.

Entretanto, é importante destacar que a agricultura corresponde a principal atividade para a sustentabilidade econômica da comunidade quilombola Moisés. É desta atividade que vem a maior parte do sustento de grande parte desses moradores, destacando-se as atividades do plantio de feijão, do milho, da mandioca, da abóbora, das árvores frutíferas e dos quintais produtivos, assim como da criação de animais, como o bode, porco e galinha, e a extração do mel de abelha. Como iremos destacar no próximo capítulo, todas essas atividades acabam agregando e sendo aproveitadas na cozinha comunitária.

Figura 05 – Quintal produtivo e animais criados soltos na Comunidade Moisés



Fonte: João Vitor Marques, novembro 2024.

Através desse processo e dessas atividades, a comunidade Moisés se organizou a partir de uma associação entre as dinâmicas familiares, as atividades da agricultura e alguns serviços que podem ser observados na disposição espacial da localidade. Como destaca Santos (2022), as formas de conexão com a terra no quilombo Lagoas envolvem a agricultura familiar, a caprinocultura, a apicultura, a religiosidade e as relações de parentesco, sendo tais formas de conexão atravessadas pela noção de terra de conjunto presente na organização territorial do quilombo. Assim, a organização espacial desta comunidade é um reflexo desses processos e a compreensão do espaço da comunidade e da dinâmica da Cozinha se articula com tais questões.

No centro do povoado podemos encontrar alguns equipamentos: uma quadra de esportes; o prédio da Unidade Escolar Zeferino Marques, atualmente fechada pelo movimento

de nucleação⁹; a Igreja de Santa Isabel da Hungria (católica); a igreja evangélica das nações; e a Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo. Estes locais de uso coletivo acabam sendo interligados e frequentados pelos moradores através de reuniões, de cursos oferecidos para a comunidade e comunidades próximas, por eventos culturais e reuniões de interesse para a coletividade do Território Lagoas. Para além destes equipamentos centrais, na sua periferia encontram-se as casas, dispostas em linhas ou fileiras e, em sua maioria, muito próximas umas das outras. Também pode-se observar nessas casas laterais a existência de pontos comerciais, destacando-se os pequenos comércios locais, bares, clubes e lojas.

Figura 06 – Fotografia aérea da Comunidade Moisés



Fonte: <https://www.instagram.com/reel/Cso5ohLJzCQ/?igsh=ODEycmI2emIwbHZ3>. Acesso em: 28 nov. 2024

Portanto, a comunidade Moisés apresenta um longo processo de ocupação do território e, por se encontrar no centro do Território Lagoas, tem grande importância política para todo o quilombo. Por essas razões, a Cozinha Raízes do Quilombo tem uma grande importância para toda a coletividade de Lagoas. No tópico a seguir iremos apresentar a Cozinha, destacando sua formação e suas atividades.

2.3. Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo

A Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo, fundada no dia 30 de novembro de 2019, conforme pode-se observar na figura a seguir, encontra-se situada na Comunidade Moisés, no

⁹ O processo de fechamento da unidade escolar foi analisado pelo Trabalho de Conclusão de Curso “Educação do campo e o fechamento da Unidade Escolar Zeferino Marques da localidade Lagoa do Moisés (Território Quilombola Lagoas”, da aluna Bruna Marques Pindaíba, defendido no curso de Geografia da UESPI, campus Ariston Dias Lima.

município de São Raimundo Nonato e dentro dos limites do território quilombola Lagoas¹⁰. Inicialmente formada por 12 mulheres que trabalhavam na Cozinha para preservar as suas raízes culinárias, funcionou inicialmente na casa de farinha da comunidade devido às poucas condições econômicas para construir um espaço específico para realização das suas atividades.

Como podemos observar na imagem a seguir, a inauguração da Cozinha contou com apresentações culturais, jantar de inauguração, apresentação e comercialização dos produtos e um “chá de cozinha” para equipar o espaço com utensílios e equipamentos necessários para o seu funcionamento. Esse chá de cozinha foi pensado para que os convidados – políticos locais, representantes de instituições como a Cáritas, funcionários e alunos do IFPI, da UESPI e de todo o Território Lagoas – pudessem contribuir com a lista de utensílios e equipamentos indicados. Essas contribuições, que foram positivas, contribuíram para o funcionamento da Cozinha.

Figura 07 – Folder de inauguração da Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B5GqtoFAAji/?igsh=N2R2YzVveHYbnpi>. Acesso em: 28 nov. 2024.

Em 2018 essas mulheres foram contempladas com a construção de uma cozinha toda equipada, permitindo que pudessem realizar as suas atividades em um ambiente adequado para seus trabalhos. Essa realização foi possível através da união de alguns programas sociais de

¹⁰ A Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo tem uma página nas redes sociais onde compartilha algumas das suas produções: https://www.instagram.com/raizesdoquilombo_274/. Acesso em: 22 abr. 2024.

fortalecimento dos empreendimentos econômicos solidários nas regiões Norte e Nordeste, com o apoio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), da Fundação Banco do Brasil, da União Europeia, da Fundação Nacional de Solidariedade (FNS), do Fundo Cáritas Diocesana de Solidariedade, da Cáritas Brasileira, Regional do Piauí. A partir desses apoios, o projeto foi realizado pela parceria entre a Cáritas Diocesana de São Raimundo Nonato, a Associação do Território Quilombola Lagoas, o Instituto Federal do Piauí, o Coletivo Juventude Gitirana e outros parceiros. Dentre esses outros parceiros, uma entrevistada destacou a importância da professora Gerlane Dantas, do IFPI de São Raimundo Nonato que, segundo essa entrevistada, contribuiu, representando o IFPI, para o “resgate dessa cultura alimentar do quilombo Lagoas” e para “a valorização e resgate da autoestima do grupo”¹¹ (E03, 40 anos).

Além disto, convém destacar que em reunião realizada na Cozinha em agosto de 2024, dirigida por um agente da Cáritas Diocesana de São Raimundo Nonato, membros da Associação Territorial do Quilombo Lagoas e com as mulheres que trabalham na Cozinha, foi informado que a construção da Cozinha também foi financiada pelo Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola¹² (FIDA, originalmente *International Fund for Agricultural Development* – IFAD). Essa instituição multilateral corresponde a uma agência especializada em segurança alimentar e nutricional da Organização das Nações Unidas (ONU) que, em sua definição, “trabalha onde a pobreza e a fome são mais profundas: nas regiões mais remotas dos países em desenvolvimento e situações de fragilidade”¹³.

Assim, através dessa articulação, as mulheres receberam essa cozinha visando fortalecer o seu trabalho, além do interesse em manter as suas identidades e tradições vivas, servindo a toda a comunidade. Com um cardápio que inclui a produção de pães, beijus, bolos, geleias de sabores variados e almoços, a Cozinha também trabalha com entrega de comidas produzidas a partir da agricultura familiar, em parceria com a Secretaria de Educação do município de São Raimundo Nonato e para o Instituto Federal do Piauí (campus São Raimundo Nonato), via participação no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), programa do governo

¹¹ Em entrevista realizada em junho de 2024, a professora Gerlane Dantas relatou que conheceu o território Lagoas e a comunidade quilombola Moisés em 2016, quando estava realizando sua pesquisa de mestrado e um trabalho coordenado pela professora Nívea da UNIVASF. Nesse período, que estava começando a construção da Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo, a professora relata que foi convidada por Hildebrando Pires, da Caritas, para agregar ao projeto, tendo a importante missão de contribuir para levantar a autoestima desse grupo de mulheres quilombolas e trabalhar no fortalecimento de suas identidades a partir da alimentação. Desde então a professora continua mantendo diálogo com essa rede.

¹² Informações disponíveis em: <https://www.ifad.org/en/>. Acesso em: 04 out. 2024.

¹³ Informações disponíveis em: https://www.ifad.org/documents/38714170/39211820/glance_p_web.pdf/f8989b89-f9ab-4ee6-bf46-ca65bb9ffbb. Acesso em: 04 out. 2024.

federal do Brasil. Além disso, a cozinha também produz refeições e produtos destinados aos visitantes que chegam na comunidade.

Considerando as autorizações legais, foi emitido para a Cozinha algumas certificações que garantem o seu funcionamento legal. Em 02 de outubro de 2020 foi emitida a certificação da vigilância sanitária que garante a realização das suas atividades. Igualmente no ano de 2020 também foi emitido pela Secretaria de Meio Ambiente de São Raimundo Nonato a declaração nº 0010/2020 que garante a dispensa de licenciamento ambiental para a realização das atividades da Cozinha, destacando-a como uma “atividade geradora de impactos ambientais insignificantes”.

Ao longo do tempo o número de mulheres trabalhando na cozinha aumentou, sendo atualmente composta por 19 mulheres. Em nossa compreensão, A Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo representa uma abordagem da cultura que, valorizando suas participantes, tem por destaque a preservação cultural das identidades quilombolas da região. Da mesma forma, o projeto busca valorizar a agricultura familiar da comunidade, representada na união da tradição e do sabor culinário do território quilombola enquanto expressão identitária passada pelos antepassados.

Um exemplo da importância dessa cozinha comunitária para o fortalecimento das identidades quilombolas do Território Lagoas corresponde ao símbolo que dá identidade visual para a Raízes do Quilombo: uma mulher negra, com um turbante na cabeça, que representa a luta e a resistência da mulher negra quilombola pela preservação das suas identidades, que pode ser visto no perfil do *Instagram* e na vestimenta das mulheres no dia da inauguração (Figura 08).

Figura 08 – Identidade visual da Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo



Disponível em: https://www.instagram.com/raizesdoquilombo_274/. Acesso em: 23 abr. 2024.

Em complemento, a cozinha é também representada por um cardápio de alimentos típicos da região do semiárido nordestino, como a mandioca e o umbu, usados na produção de alimentos e refeições na cozinha. O umbu é utilizado através da extração da polpa, sendo posteriormente armazenada e utilizada para fazer geleias e doces. A mandioca, por sua vez, é extraída e feita o desmanche, nome dado ao processo que é feito a tapioca, utilizado também na cozinha para fazer o pão de mandioca e o beiju. Ambos são utilizados para o consumo e comercialização na cozinha, como atividades que garantem o sustento das famílias envolvidas como uma representatividade das suas identidades culturais.

Conforme destacado por Carla Pereira, uma das integrantes do grupo de mulheres que trabalham na Cozinha Comunitária, durante uma visita técnica de representantes do IPHAN ao território quilombola Lagoas¹⁴, o grupo de mulheres que fundou a Cozinha, iniciou seus trabalhos no ano de 2008 por meio de capacitações ensinando a fazer pães, bolos e outros produtos oferecidos pela Cáritas Diocesana de São Raimundo Nonato. A partir dessas capacitações, as mulheres colocaram em prática suas receitas nas cozinhas de suas casas, assim como na casa de farinha da comunidade Moisés, fazendo produtos como pães, sequilhos, bolos, assim como remédios medicinais. Essas capacitações ocorreram na comunidade nos anos de 2005 e 2008 e podem ser compreendidas como o momento inicial para a formação da Cozinha, visto que possibilitou a formação de um grupo de 25 mulheres que começaram a trabalhar com a produção de alimentos.

Esse início do processo de capacitação das mulheres da comunidade coincide com o crescimento da interpelação política da identidade quilombola do/no Território Lagoas a partir da atuação do movimento negro no estado do Piauí, conforme indicado por Matos (2013). De acordo com o relato dessa autora:

O território político de Lagoas é apoiado por duas esferas de organização: a Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas-Conaq e a Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas-Cecoq. Ambas atuam na articulação e organização do território e no encaminhamento político e institucional das lutas e demandas. Debates iniciais ocorridos a partir de 2005, com presença de lideranças do Movimento Quilombola, locais, e estaduais, giraram em torno da organização e mobilização política do grupo, inicialmente, na localidade Lagoa das Emas e Lagoa do Moisés. O que despertava o interesse na organização dos grupos dessas localidades e seu entorno centrava-se na existência de uma concentração de famílias negras, cujos núcleo eram identificado como “Comunidades Negras Rurais” - por entidades como a Cáritas Brasileira Regional-PI que já havia desenvolvido ações de segurança hídrica na região – tidas como fortemente relacionadas por laços de parentesco e origem de um lugar comum.

¹⁴ Questões apresentadas em vídeo divulgado nas redes sociais do “Projeto Cumbuca – Biblioteca Virtual Quilombo Lagoas, Piauí”. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C6HlZnJvjQi/?igsh=NTlramgwNzYycThz>. Acesso em: 06 mai. 2024.

A forte interpelação da identidade quilombola é, em larga medida, resultante da ação do Movimento Negro, no Piauí, o qual expande-se da zona urbana da capital do Estado para outros municípios e zonas rurais. No processo, o tema das terras remanescentes de quilombos e da identidade quilombola ganha corpo, no Estado. [...] Em Lagoas, mulheres e homens em diferentes estágios de vida (idosos, adultos, jovens, adolescentes e crianças) ao olharem para seu grupo, como indivíduos, possivelmente, se enxerguem de formas diferentes quanto ao passado, presente e futuro. Mas investem na construção de uma identidade territorial. E isto não pode ser compreendido sem a consideração da mobilização que envolve os Movimentos Quilombola, e Capoeira de Quilombo, além da Cáritas Diocesana de São Raimundo Nonato-PI, e que resulta em organizações locais (Matos, 2013, p. 122-124).

De volta à Cozinha, as atividades pré-construção do espaço próprio para a Cozinha eram realizadas em suas próprias cozinhas e na casa de farinha devido a falta de estrutura e de local adequado para que pudessem produzir. Com o passar do tempo, a Cáritas, que foi uma grande parceira da comunidade e de todo o território quilombola Lagoas, aproveitou editais de instituições públicas e contribuiu para a inscrição do projeto da Cozinha, que foi aprovado e começou a ser construída em 2019, sendo inaugurada no final do mês de novembro deste mesmo ano.

Figura 09 – Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo em 2019 e 2024



Fonte: i) <https://www.instagram.com/p/ByN6y2XAP7L/?igsh=MTQ3NzNxamU5NmV0aQ%3D%3D>. Acesso em: 28 nov. 2024; ii) Witney Marques, agosto 2024.

Entretanto, no ano de 2020 tiveram que parar os trabalhos na Cozinha devido à pandemia de COVID-19, retomando os trabalhos apenas em 2022 a partir da concorrência em editais, sendo contratadas pelo IFPI e pela Secretaria Municipal de São Raimundo Nonato através de programas como o PAA e PNAE. Desde então, a Cozinha funciona dois dias na semana para preparar comidas ao IFPI e outros dois dias para a Prefeitura de São Raimundo Nonato. Essas comidas – destacando-se os pães e o beiju – são produzidas para serem servidas para os alunos do IFPI e na merenda escolar das escolas municipais dentro do território quilombola.

Em complemento, essas mulheres também recebem visitantes na Cozinha, que vão para a comunidade ou para as comunidades vizinhas, e que podem fazer refeições como café da

manhã e almoço. Nessas atividades, a Cozinha já recebeu visitantes de diferentes perfis – turistas, estudantes universitários, pesquisadores, visitas técnicas etc. – que são provenientes de diferentes regiões do Brasil e internacionais.

Sobre essas visitas turísticas, podemos destacar, como apresenta La Cecla (2002), que elas permitem uma visibilização e visita às identidades quilombolas a partir de uma experiência gustativa. Como destaca esse autor, comer de uma outra cozinha – no caso em questão, a culinária quilombola – pode permitir a construção de um contato intercultural e a construção de uma “zona de tradução” sobre determinada cultura. Assim, tais ações da Cozinha Comunitária podem contribuir para divulgar aos “de fora” alguns elementos constitutivos da cultura quilombola.

Analisando as entrevistas realizadas com as integrantes do grupo de mulheres que trabalham na Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo podemos observar uma conexão entre as questões apresentadas acima com a fala das entrevistadas. Para essas mulheres, destacando-se as questões comunicadas pela entrevistada E11 (52 anos), a cozinha comunitária tem na sua culinária uma importante ferramenta que permite expressar a identidade do território Lagoas, para aqueles de dentro (fortalecendo o sentido da identidade territorial dos moradores da comunidade) e para os de fora (expressando suas identidades e a força do seu território). De acordo com a fala dessa entrevistada, a Cozinha seria importante pois “é uma forma de mostrar a identidade quilombola através da nossa culinária”, demonstrando assim a importância da Cozinha para a representatividade da culinária e da ação comunitária em torno desta para o fortalecimento do Território Quilombola Lagoas.

No que se refere à comida, aos sabores e à cozinha, Simas (2021) retrata que a alimentação pode ser vista como uma forma de expressar as raízes de diferentes culturas, através dos saberes transmitidos pelos antepassados. Neste sentido, as comidas típicas da culinária quilombola representam sabores e saberes que são transmitidos através de gerações, pois a comida pode ser representada por verdadeiros rituais, que representam a comunicação, como algo memorável e afetivo, que busca manter suas tradições.

Por exemplo, nas festividades juninas, na comunidade Moisés, existem certas comidas que são preparadas e revelam como a alimentação é importante para manter e comunicar as tradições: os alimentos preparados a partir do milho, como a canjica, cuscuz, bolo de milho e outros que, articulados com as brincadeiras festivas e as festas religiosas, demonstram a importância da alimentação para comunicar as identidades territoriais da comunidade.

Assim, de acordo com Simas (2021), podemos observar as relações entre a culinária cotidiana e a culinária “identitária”, podendo uma estar alinhada com a outra. Se os alimentos

destacados acima – a mandioca e o umbu, por exemplo – comunicam as identidades do território quilombola, elas também estão presentes na culinária cotidiana da comunidade. Portanto, é através dos temperos, da preparação dos pratos e do conhecimento sobre os alimentos que a culinária assume um importante ato de demonstrar suas raízes e identidades através da comida.

Assim, neste capítulo é essencial reforçar a questão negra como um elemento central da Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo e da comunidade Moisés. O projeto reflete não apenas uma luta pela sobrevivência, mas também um ato de resistência e afirmação da cultura negra em um contexto histórico de exclusão e invisibilidade. A Cozinha não é apenas um espaço de produção alimentar, mas também um palco para a expressão das identidades afro-brasileiras e para a reafirmação de saberes e tradições ancestrais que são frequentemente desvalorizadas ou ignoradas.

Por meio das mulheres que lideram e trabalham na Cozinha Comunitária, a questão negra é continuamente reafirmada. Elas são as guardiãs da memória e da cultura quilombola, utilizando a culinária como um instrumento de resistência e de fortalecimento identitário. Cada prato produzido na Cozinha carrega não apenas um sabor, mas uma história de luta, ancestralidade e pertencimento, tornando-se um poderoso símbolo de representação e dignidade para a população negra do Território Quilombola Lagoas.

CAPÍTULO 3 – A COZINHA COMUNITÁRIA RAÍZES DO QUILOMBO COMO UMA EXPRESSÃO TERRITORIAL

Neste capítulo iremos apresentar os resultados da pesquisa obtidos através da realização das entrevistas e questionários feitos com as mulheres, dos trabalhos de campo realizados na Comunidade Moisés e na Cozinha e a discussão com as referências bibliográficas. Assim, neste capítulo buscaremos mostrar de que forma a Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo atua na continuidade da cultura quilombola e das identidades territoriais no Território Quilombola Lagoas (São Raimundo Nonato, Piauí), com especial atenção à sua atuação na comunidade Moisés.

Assim, esse capítulo encontra-se estruturado da seguinte forma: na primeira parte, iremos caracterizar as mulheres que trabalham na Cozinha, buscando destacar quem são, como trabalham e suas histórias de vida e trajetórias socioespaciais. Na segunda parte, iremos analisar a relação entre as práticas da Cozinha com a dinâmica da agricultura na comunidade, destacando a íntima relação entre os produtos preparados pela cozinha e a produção agrícola da comunidade. Neste ponto é importante destacar que algumas das mulheres, além do trabalho na Cozinha, também são agricultoras, expressando essa relação direta entre as duas atividades. Na terceira parte buscaremos responder diretamente como a Cozinha Comunitária promove o fortalecimento das identidades quilombolas do Território Lagoas.

3.1. Mulheres que cozinham e expressam seu território

O grupo de mulheres que trabalha na Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo é composto por 19 integrantes quilombolas e agricultoras. Algumas são nascidas na comunidade Moisés e outras que chegaram de comunidades vizinhas por terem se casado com alguém da comunidade. Todas fazem parte da mesma família – a família Marques – e a grande maioria delas são mães de família que viram na culinária típica quilombola, uma forma de expressar seus saberes e sua cultura, levando suas expressões culturais para o território quilombola e além. Assim, essas atividades e conhecimentos, que foram passados ao longo do tempo, assumem a importância de representar as identidades das mulheres e uma complementação da renda.

Como as mulheres que trabalham na cozinha têm laços familiares, não há critérios para trabalhar na cozinha, sendo esse fator social – a relação familiar e os saberes passados por gerações – a questão central que une todas elas. No presente momento não estão entrando novas integrantes na Cozinha, porém, nas entrevistas realizadas, pode-se observar que o grupo acha

que as atuais integrantes dão conta de todo o serviço, visto que não há demanda que necessite de mais integrantes.

Como destacado no quadro destacado abaixo, cinco das entrevistadas para essa pesquisa moram na comunidade Moisés desde o nascimento, enquanto as outras seis vieram de comunidade vizinhas: Lagoa Grande (E03, E08 e E09), Lagoa das Emas (E06, E10) e Lagoas (E11). Se todas as mulheres trabalham atualmente na Cozinha, algumas delas já exerciam essas atividades antes da construção do espaço, trabalhando em casa ou de forma adaptada na casa de farinha da comunidade. Outras começaram a trabalhar depois, com a construção da cozinha.

Quadro 01: Perfil geral das entrevistadas

Entrevistada	Idade	Escolaridade	Relação com a terra/com a comunidade	Tempo que mora na comunidade	Tamanho e composição da família
E01	28 anos	Ensino superior completo	Moradora	Desde o nascimento	Solteira
E02	24 anos	Ensino médio completo	Moradora	Desde o nascimento	Solteira, tem uma filha
E03	40 anos	Ensino médio completo	Moradora e Proprietária	Desde 2004	Casada, tem dois filhos
E04	40 anos	Ensino médio completo	Moradora	Desde o nascimento	Casada, tem cinco filhas
E05	42 anos	Ensino médio completo	Moradora	Desde o nascimento	Casada, tem dois filhos
E06	44 anos	5º Série	Moradora e Proprietária	11 anos	Solteira, tem dois filhos
E07	49 anos	5º Série	Moradora	Desde o nascimento	Casada, tem três filhos
E08	45 anos	Ensino fundamental incompleto	Moradora	25 anos	Casada, tem cinco filhos
E09	47 anos	5º Série	Moradora e Proprietária	20 anos	Casada, tem dois filhos
E10	42 anos	Ensino médio completo	Moradora e Proprietária	Desde 2002	Casada, tem dois filhos

E11	52 anos	Ensino fundamental incompleto	Moradora	Desde 1994 (30 anos)	Casada, tem três filhos
-----	---------	-------------------------------------	----------	-------------------------	----------------------------

Sobre o quadro acima, que apresenta um perfil geral das onze entrevistadas, uma questão a se destacar corresponde ao fato das mais novas terem uma escolaridade maior que as mais velhas. Em nossa interpretação, essa diferença é uma consequência direta das dificuldades que as mulheres mais velhas tinham para estudar. Por exemplo, na comunidade não tinha escola de ensino médio, fazendo-se necessário que as pessoas se deslocassem para o centro de São Raimundo Nonato. Aliado a isso, também tinha uma dificuldade de locomoção/transporte, que intensificava o problema. Além disso, elas relatam que precisavam trabalhar e buscar água nas cacimbas e que isso – aliado ao outro fator destacado acima – desestimulava a continuidade dos estudos. No caso das mais novas, existem mais facilidades: a existência de transporte para levar às escolas nas comunidades vizinhas, além da existência das universidades que chegaram mais recentemente.

Apesar dessas diferenças, todas exercem as mesmas funções na Cozinha, que vai desde a extração da lenha e da coleta do umbu até a produção, comercialização e entrega dos produtos (ver Quadro 02). Todas as mulheres também trabalham na limpeza da Cozinha e, algumas delas também exercem outras funções além do trabalho na cozinha, destacando-se que algumas são professoras (mas que, por enquanto, trabalham somente na Cozinha) e outras também trabalham em seus roçados, hortas e na apicultura. Em algumas situações, os produtos dessas atividades são aproveitados na Cozinha, destacando-se o aproveitamento da mandioca, do feijão, da abóbora e do mel que são produzidos por algumas mulheres em atividades paralelas.

Essas questões sobre a relação entre a Cozinha e os/as agricultores/as serão discutidas no tópico a seguir. Mas, para demonstrar o protagonismo das mulheres da Cozinha nas práticas da agricultura desenvolvidas na comunidade Moisés, podemos observar nas imagens a seguir um exemplo dessa atuação: o quintal produtivo de uma das entrevistadas (E03, 40 anos), ilustrado nas imagens a seguir, que usa o que colhe para consumo próprio, mas também, em algumas situações, incorpora na Cozinha, a depender da demanda e do que irão produzir.

Esse quintal produtivo, que também está presente na casa de outras mulheres da Cozinha e da comunidade, faz parte do projeto “Do quintal à Cozinha, da Cozinha à Mesa: valorizando mulheres quilombolas e fortalecendo cadeias produtivas para a adaptação climática”. Esse projeto é desenvolvido por Maxim Jaffe, coordenador do Projeto Quipá, entidade parceira da

Associação de Mulheres Produtoras Rurais da Localidade Boi Morto, que está coordenando a execução desse projeto também na comunidade Moisés.

De acordo com o Maxim, em entrevista realizada em novembro de 2024, esse projeto dos quintais produtivos foi pensado em parceria com mulheres representantes das comunidades Moisés, Emas e Boi Morto para inscrição em edital do Fundo Casa de 2023. Esse projeto foi pensado para valorizar o trabalho das mulheres, partindo da ideia de uma cadeia produtiva, articulando a produção dos quintais e dos roçados, da atuação da Cozinha Raízes do Quilombo (Moisés), da Casa do Mel, relacionada com a Associação de Mulheres Produtoras Rurais da Localidade Boi Morto¹⁵ e da Casa de Cultura, vinculada à Comunidade Quilombola Lagoa das Emas¹⁶. A ideia central foi “dar uma força” ao trabalho das mulheres buscando capacitar os empreendimentos coletivos para a atuação em projetos como o PNAE e o PAA.

Figura 10 – Quintal produtivo na Comunidade Moisés



Fonte: Witney Marques, maio 2024.

Esses equipamentos se articulam com outras ações, como o projeto de reutilização de águas cinzas domiciliares, projeto que foi realizado pela Prefeitura de São Raimundo Nonato, via Secretaria Municipal do Meio Ambiente, e financiamento da Superintendência de

¹⁵ <https://www.instagram.com/assoc.mulheres.boimorto/>. Acesso em: 28 nov. 2024.

¹⁶ https://www.instagram.com/comunidade_quilombola_emas/. Acesso em: 28 nov. 2024.

Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e execução da Kolping do Piauí¹⁷. Tem como iniciativa a entrega de kits para o fortalecimento e geração de renda para famílias que precisam de apoio na região, tendo beneficiado cinco moradores da comunidade Moisés. Essa iniciativa se caracteriza pela implantação de um sistema de reuso das águas vindas das torneiras da cozinha, do banheiro e da lavanderia, antes descartadas, principalmente à céu aberto e nos quintais das casas, o que acabava trazendo problemas aos moradores, como a poluição do meio ambiente e lençóis freáticos, assim como o aparecimento de mosquitos, causando doenças. Os projetos funcionam a partir da instalação de equipamentos que são pensados para a melhoria de vida dos/das agricultores/as, destacando-se, por exemplo, a instalação de bomba d'água e de placas solares, buscando o reaproveitamento da água a partir de energia proveniente do sol. Nesse processo, a placa solar gera a energia que vai ser utilizada pela bomba para encher o tanque. A partir do momento que o tanque enche, a água passa posteriormente pelo filtro biológico onde ela é filtrada e bombeada para a irrigação do plantio.

A implantação dessa nova tecnologia social além de combater o desperdício, trouxe um aumento de renda para os moradores pois esse projeto fortalece a agricultura familiar, visto que a água que antes era descartada agora é tratada e, pelo sistema de irrigação, é bombeada até os canteiros e plantas frutíferas, fortalecendo a agricultura local através do plantio de frutíferas, hortas e hortaliças¹⁸.

Em texto publicado no portal Marco Zero, reportagem de Maria Carolina Santos, pode-se observar que esse tipo de intervenção tem sido instalado em comunidades do semiárido do Nordeste como uma tecnologia de convivência com o semiárido¹⁹. Conforme a reportagem, esses quintais produtivos, interpretados como “quadrinhos verdes e produtivos” no sertão, tem possibilitado a autonomia das famílias a partir da articulação entre diferentes tecnologias, como sistemas de irrigação, novas estratégias de plantação e assistências técnicas que permitam a produção de alimentos de forma sustentável. A partir dessas intervenções, busca-se estimular a autonomia e protagonismo das mulheres em suas comunidades. Conforme destacado na reportagem:

Na lida diária, na horta ou na cozinha comunitária, as agricultoras ainda têm que enfrentar o machismo. Fazer com que maridos e companheiros entendam o valor do

¹⁷ Maiores informações: <https://www.gov.br/sudene/pt-br/assuntos/noticias/projeto-apoiado-pela-sudene-leva-seguranca-hidrica-para-sao-raimundo-nonato-no-piaui>. Acesso em: 28 nov. 2024.

¹⁸ Informações disponíveis em: https://www.instagram.com/kolpingpiaui/?locale=zh_CN. Acesso em: 07 nov. 2024.

¹⁹ “Hortas e cozinhas comunitárias: mulheres do sertão potiguar buscam a independência”. Reportagem de Maria Carolina Santos, 03/10/2024. Disponível em: <https://marcozero.org/hortas-e-cozinhas-comunitarias-mulheres-do-sertao-potiguar-buscam-a-independencia/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

trabalho delas não é uma tarefa simples. “Quando o projeto da Diaconia chegou aqui, chamaram os homens para uma reunião. Eles não foram. Tiveram então que ir de casa em casa, explicando como era importante que as mulheres participassem desse processo”, relembra Sandra. Ela própria teve problemas para o marido aceitar que ela também tinha voz na comunidade. “Eu nunca deixei de fazer o que eu queria, eu quis trabalhar porque eu quis ser dona de mim. Nas reuniões da associação, a gente não quer ser mais do que o homem. Queremos o nosso lugar, o nosso respeito. Queremos ter a nossa própria renda pra gente sobreviver, pra não ficar dependendo do marido. Se a gente está cozinhando, plantando, estamos ajudando em casa”, diz. Foi com muito esforço que o marido de Sandra compreendeu o valor do trabalho dela. E até passou a ajudá-la na horta comunitária das mulheres²⁰.

Na Cozinha Raízes do Quilombo, a principal atividade de produção que se realiza é voltada para a merenda escolar, principalmente para o IFPI e para a Secretaria Municipal de Educação de São Raimundo Nonato (SEMED). Mas também há a produção para uma comercialização avulsa dos produtos e a realização de almoços para turistas e visitantes que vão conhecer a comunidade e, às vezes, também vão conhecer a cozinha. No primeiro tipo de fabricação – para o IFPI e SEMED – destaca-se a produção de pão à base de raiz (mandioca), pão sovado, pão bola e o beiju. Para os turistas e comercialização avulsa, destaca-se a produção das geleias de umbu, de maracujá, os biscoitos sequilho e a peta (ambos feitos de tapioca), a broa e palitos de gergelim. Considerando que todas as mulheres trabalham nessas atividades, um resumo sobre as relações de trabalho realizadas pode ser observado no quadro a seguir.

Como observado no quadro a seguir, a Cozinha tem importância pois se caracteriza como mais uma geração de renda para as mulheres. A maioria exerce outras atividades, mas que são principalmente atividades relacionadas com a agricultura, nos roçados, nos quintais produtivos e na apicultura. Assim, se dividem entre as atividades agrícolas, os cuidados da casa e as atividades da Cozinha. Na Cozinha, todas realizam as mesmas tarefas, destacando-se que a divisão dos trabalhos se dá a partir dos pedidos. Enquanto algumas cozinham, outras limpam e outras realizam a entrega.

Quadro 02: Relação das entrevistadas com a cozinha

Entrevistada	Tempo que trabalha na Cozinha	Função na Cozinha	O que faz/trabalha além da Cozinha
E01 (28 anos)	“Comecei no ano de 2019, até os dias atuais”	“Na cozinha temos várias funções que vai da produção de pães, beijos etc., até a limpeza”	“Professora, mas no momento trabalho somente na cozinha”

²⁰ Disponível em: “Hortas e cozinhas comunitárias: mulheres do sertão potiguar buscam a independência”. Reportagem de Maria Carolina Santos, 03/10/2024. Disponível em: <https://marcozero.org/hortas-e-cozinhas-comunitarias-mulheres-do-sertao-potiguar-buscam-a-independencia/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

E02 (24 anos)	“Desde 2020”	“Trabalho em todas as funções”	“Trabalho na roça”
E03 (40 anos)	“Desde 2019”	“Desenvolvo o papel de representante da cozinha comunitária, no entanto estou a frente de todas as ações que envolve a cozinha”	“Além do trabalho da cozinha, sou agricultora, apicultora e exerço minhas atividades do dia a dia em casa”
E04 (40 anos)	“Desde 2019”	“Todas”	“Na roça”
E05 (42 anos)	“Comecei no ano de 2019”	“Na cozinha temos várias funções que vai da produção de pães, beijos etc., até a entrega dos produtos”	“Somente os trabalhos da roça e em casa”
E06 (44 anos)	“Desde 2020”	“Trabalho em todas as funções”	“Trabalho em casa e na roça”
E07 (49 anos)	“Desde 2019”	“Todas”	“Trabalho na roça”
E08 (45 anos)	“Desde 2019”	“Todas”	“Na roça”
E09 (47 anos)	“Desde 2019”	“Trabalho em todas as funções”	“Na roça, cuidado de casa e de todas as atividades da agricultura familiar”
E10 (42 anos)	“Trabalho na cozinha desde 2019”	“Gestão de vendas”	“Trabalho na roça”
E11 (52 anos)	“Comecei no ano de 2019, até os dias atuais”	“Na cozinha temos várias funções que vai da produção, limpeza e entrega”	“Além da cozinha somente na roça”

Assim, podemos destacar que essas mulheres carregam consigo toda uma história de luta pelo reconhecimento e reafirmação do seu território. As trajetórias socioespaciais dessas mulheres, assim como seus saberes-fazer, são valorizadas, sendo mobilizadas como símbolos centrais para a reafirmação de suas identidades quilombolas, como podemos observar na figura central da mulher negra na identidade visual do projeto.

Por fim, podemos destacar que para essas mulheres o projeto da Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo contribui para a construção de uma independência financeira dessas mulheres e para a melhoria das condições de vida das suas famílias. Ao fornecer a possibilidade de uma renda para essas mulheres, a Cozinha fortalece o papel destas na comunidade, ao mesmo tempo que contribui para criar visibilidades ao território quilombola.

É importante destacar também, dentro dessa perspectiva, como as tecnologias de convivência com o semiárido têm sido integradas às práticas tradicionais e às tecnologias afrocentradas que já eram utilizadas pelas comunidades quilombolas. Exemplos notáveis incluem a conservação de frutos como o umbu, que historicamente tem sido armazenado e transformado em produtos como geleias e polpas, utilizando técnicas passadas de geração em geração.

A agricultura quilombola, por sua vez, destaca-se pela integração de saberes ancestrais com práticas de sustentabilidade ambiental. Essas práticas incluem a rotação de culturas, o aproveitamento da biodiversidade local e o uso consciente da água, especialmente em regiões semiáridas. As tecnologias afrocentradas, que se baseiam em valores de respeito à terra e à coletividade, estão intrinsecamente ligadas à organização social e à produção alimentar da comunidade Moisés.

A Cozinha Comunitária, nesse contexto, torna-se um ponto de convergência entre essas práticas, servindo como um espaço para a aplicação e disseminação dessas tecnologias. As mulheres que trabalham na Cozinha não apenas resgatam e mantêm os saberes tradicionais, mas também adaptam essas práticas ao contexto contemporâneo, utilizando equipamentos modernos para aumentar a produção sem comprometer a essência das técnicas ancestrais.

Assim, a Cozinha se configura como um símbolo da harmonização entre passado e presente, demonstrando que as tecnologias de convivência com o semiárido podem ser potencializadas quando se alicerçam nos saberes tradicionais e nas tecnologias afrocentradas. Essa abordagem reforça o papel da Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo como uma expressão territorial e um instrumento de resistência cultural.

3.2. Relações entre a cozinha e os agricultores

Como destacamos no capítulo anterior, a Comunidade Moisés encontra-se localizada na zona rural de São Raimundo Nonato e, por conta disso, grande parte dos seus moradores podem ser compreendidos enquanto agricultores familiares. Ao longo da pesquisa, percebemos que além da importância para as questões identitárias do território quilombola, a Cozinha também

exerce uma importante função para a comunidade: aproveitar os produtos dos agricultores da comunidade de diferentes formas.

Assim, considerando as relações diretas entre a Cozinha Comunitária e as atividades da agricultura desenvolvidas na comunidade, consideramos que para compreender as dinâmicas da cozinha também precisamos levar em consideração a forma como a agricultura se organiza na comunidade. Como podemos observar no quadro abaixo, a comunidade se caracteriza pelo desenvolvimento de uma agricultura familiar voltada para a produção de grãos, hortaliças e animais (para consumo próprio e venda do excedente), assim como pela produção do mel e pela produção realizada nos quintais produtivos. Como destacamos, parte dessa produção tem sido apropriada pela Cozinha.

Quadro 03: Relações entre a Cozinha Comunitária e os agricultores

Entrevistada	Questão: A comunidade aqui vive de que? O que cria/planta/coleta e como faz? Quais terrenos são usados e os que não se usa (Para que? Por quê?) Quais produtos são cultivados pelos agricultores da comunidade?
E01 (28 anos)	“A comunidade vive, principalmente, da agricultura familiar, através do plantio de feijão, milho, mandioca, abóbora e melancia. Além da criação de animais, como: caprinos, aves e suínos. A extração do mel também é uma fonte de renda da comunidade. Os terrenos utilizados são aqueles separados para o plantio das famílias, os demais são para a preservação e conservação da mata e dos animais”.
E03 (40 anos)	“Vivemos da agricultura e do plantio de grãos e hortaliças (feijão, milho, mandioca e abóbora). Os terrenos utilizados são os roçados, terreno que separamos para o plantio, e os que não se usa, são a parte da caatinga que preservamos”.
E09 (47 anos)	“Vivemos da plantação de feijão, milho, mandioca, melancia, abóbora e criamos bodes, galinhas e porcos. Os terrenos que plantamos são da família e os que não usa são da caatinga. Aqui vivemos do que plantamos e criamos”.
E10 (42 anos)	“Aqui vivemos do que plantamos e criamos”.
E11 (52 anos)	“Do plantio de milho, feijão, porco e galinha. O plantio é feito nos quintais”.

Conforme observamos nas respostas, a agricultura familiar constitui-se com umas das principais atividades realizadas na comunidade. Ao analisar as falas das mulheres entrevistadas, podemos destacar a importância da agricultura familiar pela produção de alimentos com maior qualidade, sem uso de agrotóxicos e fertilizantes. Como destacam Brasil, Meneses e Pinto (2018), a agricultura familiar é uma importante atividade realizada no Brasil. Além do número de produtores, a sua importância pode ser percebida também pela quantidade de ações e políticas públicas criadas nas últimas décadas com o objetivo de desenvolver esse setor, como por exemplo, o caso das cisternas do Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), os quintais produtivos e outros que ajudaram no desenvolvimento da agricultura familiar na comunidade.

Além desses projetos, é importante reforçar que a Cozinha também tem relações com outras políticas públicas e projetos desenvolvidos com o apoio do Estado, como a relação com o PNAE, o PAA e os quintais produtivos, além das parcerias desenvolvidas com a Prefeitura Municipal de São Raimundo Nonato e com o Instituto Federal do Piauí, especialmente com o campus na mesma cidade. A partir da articulação com esses projetos, a Cozinha permite uma valorização da agricultura familiar, possibilitando aos estudantes dessas instituições o acesso a uma alimentação escolar saudável e de qualidade.

Um outro aspecto a se destacar nas respostas destacadas acima corresponde à indicação dos terrenos utilizados na comunidade para as atividades da agricultura. Esses terrenos são organizados para a produção familiar, destacando-se um cuidado na seleção destes terrenos visando “a preservação e conservação da mata e dos animais” e a separação daqueles não usados para o roçado para a preservação da Caatinga. Da mesma forma, em outras conversas informais, podemos observar que existe uma consciência ambiental no uso das terras: enquanto se usa uma certa porção de terra para plantar, outra porção fica guardada para preservação (dos terrenos e da caatinga). Também pode-se constatar que as terras usadas para as plantações ficam próximas da comunidade, a cerca de 1km, nas terras de Seu Dandô (Raimundo Marques), a pessoa mais velha da comunidade. Como as relações familiares são centrais na localidade Moisés, é nas terras de Seu Dandô que seus filhos, netos e familiares (que formam a comunidade) costumam plantar.

Assim, consideramos que a Cozinha Comunitária desempenha um papel crucial para o aproveitamento dos produtos da agricultura familiar, sendo fundamental para a transformação de produtos agrícolas em alimentos processados, destacando-se a produção de geleias, com as de umbu²¹, de pães, beijus²² e polpas de frutas que são destinadas principalmente para os

²¹ Um doce preparado com a fruta do umbuzeiro, típica da região semiárida brasileira.

²² Um tipo de panqueca fina feita com goma de mandioca, comumente consumida no Norte e Nordeste do Brasil.

programas governamentais, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

Segundo o depoimento das entrevistadas, a partir das respostas expostas no quadro a seguir, as geleias, polpas e pães são produtos especialmente aproveitados, representando o esforço das mulheres em transformar alimentos básicos em produtos comercializáveis e nutritivos. No caso de programas como o PNAE e PAA, essas iniciativas além de gerar uma fonte de renda sustentável para a comunidade também valorizam a produção local, promovendo a segurança alimentar e fortalecendo a economia da comunidade. Porém, de acordo com a E03 (40 anos), o vínculo com o Estado através desses programas é instável, sobretudo se levado em conta os vínculos com o município. Com as mudanças de governo, acabam acontecendo uma pausa no fornecimento, o que gera instabilidade. Ainda segundo essa entrevistada, o PNAE relacionado com o governo federal, via fornecimento para o IFPI, é mais estável, sendo o principal projeto do momento.

Assim, a primeira forma de aproveitamento dos produtos dos agricultores locais corresponde ao uso do que é plantado nos roçados e nos quintais produtivos existentes na comunidade, dentre os quais, algumas áreas administradas por alguns integrantes da Cozinha. Da produção dos quintais produtivos, costuma-se aproveitar para a produção da Cozinha alguns produtos como abóbora, alface, tomate e cheiro verde, assim como algumas plantas frutíferas como goiaba, umbu cajá, seriguela e maracujá. Já dos roçados da comunidade, costuma-se aproveitar o feijão, a mandioca, a abóbora e a carne dos animais. Já da Caatinga, aproveita-se o umbu, a umburana de cheiro e o maracujá do mato, por exemplo.

Quadro 04: Aproveitamento dos produtos dos agricultores pela Cozinha

Entrevistada	Questão: Como a Cozinha aproveita os produtos produzidos pelos agricultores da comunidade? Quais são aproveitados pela cozinha?
E01 (28 anos)	“São aproveitadas as geleias de abóbora, umbu, maracujá com pimenta, sequilhos, broas de milho”.
E03 (40 anos)	“Refeições quando há procura, produções avulsas e as entregas para a secretaria de educação e pelos programas PNAE e PAA”.
E09 (47 anos)	“São aproveitados pães, beiju e outros produtos da agricultura familiar”.

E10 (42 anos)	“Polpa de umbu para geléias para comercializar e o pão à base de raiz, pão sovado e o beiju para o IFPI e PAA”.
E11 (52 anos)	“São aproveitados para entregas através dos programas PNE e PAA”.

Outro aspecto destacado nas respostas (apresentado no quadro a seguir) e que merece destaque corresponde à relação de convivência da comunidade e das atividades da Cozinha com a Caatinga e com o ambiente semiárido. Os relatos indicam uma forte relação de interdependência, ou de convivência, entre a comunidade e o bioma Caatinga. Destaca-se essa relação a partir da coleta de lenha, do umbu, da umburana de cheiro, do mel, do maracujá do mato e de plantas medicinais (folha miúda e umburana) que demonstram que a Caatinga não apenas fornece os recursos essenciais para o cotidiano, mas também se apresenta como um espaço de preservação cultural e como um espaço relacionado com as suas identidades territoriais.

Essa relação com a Caatinga destaca a importância da sustentabilidade a partir dos sentidos apresentados pela comunidade, pois, como mencionado por uma das participantes, a preservação de áreas de Caatinga não utilizadas para plantio é uma prática comum e histórica, refletindo a conscientização sobre a necessidade de proteger o ecossistema para as gerações futuras. Esse respeito e cuidado com o ambiente natural são práticas tradicionais que garantem tanto a continuidade dos recursos quanto a subsistência da comunidade. Como destaca Santos (2022), as conexões entre quilombolas e a terra e, conseqüentemente, com a Caatinga, são centrais para potencializar a existência de Lagoas, tornando possível a realização de atividades econômicas que passam, necessariamente, pela preservação da biodiversidade e dos recursos naturais da Caatinga.

Quadro 05: Relação da Cozinha com a Caatinga

Entrevistado(a)	Questão: Quais produtos são retirados da Caatinga? Qual é a relação da comunidade com a mata (usa lenha, coleta umbu)?
E01 (28 anos)	“A relação da comunidade com a mata é a de sempre, uma relação boa, pois é dela que retiramos as plantas para remédios medicinais, a lenha que antes era usada para cozinhar. Dela retiramos umbu, maracujá do mato, lenha e plantas medicinais”.
E03 (40 anos)	“A relação com a caatinga é tentar preservar. Dela retiramos umbu, lenha e o mel de abelha”.

E09 (47 anos)	“Nossa relação com a caatinga é que tiramos muitas coisas dela, sem ela não sei como viveríamos. Dela tiramos umbu, lenha e mel”.
E10 (42 anos)	“Retiramos da caatinga a lenha, o umbu, as rapas de pau para fazer xarope”.
E11 (52 anos)	“Temos contato com a mata desde muito novos, antes não tinha gás de cozinha, então retiraremos a lenha para cozinhar e as plantas medicinais para fazermos remédios caseiros, para curar gripes e até ferimentos. Dela retiramos o umbu, que também é utilizado na cozinha e a lenha para assar os pães, maracujá do mato para receitas”.

Embora a Cozinha Comunitária e as práticas agrícolas acima destacadas representem uma importante fonte de sustento e autonomia para a comunidade, é importante destacar que ainda há desafios, como a dependência de condições climáticas e a necessidade de maior apoio para o desenvolvimento de tecnologias que facilitem o processo produtivo. Assim, a dinâmica dessas atividades indica-nos a importância da ampliação de parcerias com instituições locais e programas governamentais que possam oferecer oportunidades para fortalecer a economia local, aprimorar o uso de tecnologias e ampliar o mercado para os produtos da comunidade.

Essas questões revelam a importância das políticas públicas que apoiem as atividades da agricultura familiar, assim como o desenvolvimento sustentável e a promoção da inclusão social e econômica das mulheres rurais. A valorização dos produtos locais (das comunidades e da Cozinha) e das práticas tradicionais, aliada com uma gestão sustentável dos recursos da Caatinga, configura uma base para o desenvolvimento de uma economia solidária, onde a preservação ambiental e o fortalecimento cultural se alinham com o progresso econômico da comunidade.

Por fim, outro aspecto evidenciado nas entrevistas que merece ser destacado envolve as relações de trabalho e a divisão das atividades econômicas a partir da perspectiva de gênero. Nas respostas sobre como se organiza o trabalho na comunidade, expostas no quadro a seguir, podemos evidenciar uma divisão de atividades baseada no gênero. Enquanto as mulheres dedicam-se à Cozinha Comunitária e à agricultura, os homens geralmente buscam trabalho fora da comunidade, especialmente em períodos de baixa produção agrícola. Essa estrutura de divisão de trabalho reflete tanto a realidade socioeconômica quanto às dinâmicas familiares da comunidade. O trabalho das mulheres na cozinha não apenas contribui para a economia local, mas também fortalece sua posição na comunidade, promovendo um ambiente onde suas habilidades e conhecimentos são valorizados.

Quadro 06: Relações de trabalho e atividades econômicas relacionadas com a Cozinha

Entrevistado(a)	Questão: Além do cultivo e da cozinha, existem outras atividades econômicas na comunidade? Os agricultores fazem outra atividade?
E01 (28 anos)	“As mulheres somente na cozinha e seus esposos saem para outros estados em busca de trabalho”.
E03 (40 anos)	“Somente na roça e os esposos vão em busca de melhorias para a família em outros estados”.
E09 (47 anos)	“Além da agricultura, apicultura e o trabalho na cozinha, geralmente, os esposos viajam para outros estados em busca de trabalho para o sustento familiar”.
E10 (42 anos)	“Além dos trabalhos na cozinha e da plantação na roça quando chove, os maridos saem para trabalhar fora”.
E11 (52 anos)	“Somente na roça, no período de chuva e da apicultura. Os maridos vão para outros estados em busca de melhorias”.

Esses dados coletados revelam um panorama das práticas produtivas e culturais da comunidade que revela-nos, com destaque, o papel da Cozinha Comunitária na valorização dos produtos locais e na promoção da autonomia econômica para as mulheres. Como podemos observar nas respostas destacadas acima, as entrevistadas compartilharam informações sobre o aproveitamento de produtos agrícolas, a relação com o ecossistema da Caatinga e as atividades econômicas desenvolvidas além da agricultura.

3.3. Fortalecimento da cultura quilombola pela Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo

Conforme buscamos demonstrar nos tópicos anteriores, a Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo busca, dentre outros objetivos, fomentar a economia local e contribuir para a difusão e preservação do patrimônio gastronômico do Território Quilombola Lagoas. Assim, corresponde a um projeto gastronômico e empreendimento cultural dentro da comunidade Moisés que incentiva a geração de empregos e renda e contribui para a promoção da valorização cultural da comunidade – e do território quilombola – de matriz quilombola. Portanto, por meio da comida e das técnicas da produção dessa culinária ancestral busca-se reconhecer as práticas culturais e saberes transmitidos por gerações destes povos tradicionais. A partir dessas questões, buscaremos neste tópico discutir o papel da alimentação e do espaço da Cozinha para o fortalecimento e fortalecimento da cultura quilombola do Território Lagoas.

No desenvolvimento da pesquisa, percebemos que a Cozinha, além da geração de renda e da contribuição para o fortalecimento da agricultura familiar da comunidade, também tem uma grande importância para o fortalecimento ou fortalecimento das identidades quilombolas da região. Assim, um outro grande papel exercido pela Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo é contribuir para a difusão e preservação do patrimônio gastronômico do Território Quilombola Lagoas. A partir dessa questão, podemos considerar que essa ação corresponde a um projeto gastronômico e empreendimento cultural que incentiva a geração de empregos e renda e contribui para a promoção da valorização cultural da comunidade – e do território quilombola – de matriz africana.

Portanto, por meio da alimentação e das técnicas da produção da culinária ancestral busca-se reconhecer as práticas culturais e saberes transmitidos por gerações desta população tradicional. A partir dessas questões, considera-se que a alimentação e o espaço da cozinha funcionam como catalisadores para o fortalecimento da cultura quilombola do Território Lagoas. Nesse ponto, as mulheres que participam do projeto compreendem o papel da Cozinha para a continuidade das suas identidades.

Por exemplo, quando conversamos com as mulheres sobre a importância da Cozinha e da alimentação para o Território Lagoas, algumas entrevistadas destacaram que este projeto contribui para a reafirmação das identidades e para levar a sua cultura para aqueles que vêm de fora. Outras entrevistadas destacaram que o projeto ajuda a compreender “o que significa pertencer ao território em que vive”, sendo uma ação em que “reafirmo minhas identidades, reconhecer minhas identidades e como vamos construir esse território” (E10, 42 anos). Outra entrevistada também destacou que o projeto é “importante pois aprendemos a nos ver como pessoa quilombola e nos reconhecer como quilombo” (E03, 40 anos). Como destacam Bonnemaison (2012) e Haesbaert (2011), o debate das identidades territoriais lembra-nos que o território – como o caso da comunidade quilombola do Lagoas – é a base espacial da identidade de um grupo cultural, aproximando-se do vivido, da afetividade, das subjetividades, como um *nó* para as identidades culturais e para celebração da diferença.

Assim, para essa questão da importância da Cozinha e da alimentação para o Território Lagoas, destacamos algumas respostas centrais. Para a E03 (40 anos), a cozinha tem “uma importância significativa porque fica *visível* dentro da comunidade e dentro do território”. Já para a E01 (28 anos), “é uma forma de mostrar nossos produtos da cozinha e conhecer novas pessoas que vem de outros municípios, de outros estados e até mesmo de outros países”. Já para a E09 (47 anos), “é uma forma de fortalecer nossas identidades e reafirma a nossa cultura, além

de nós ajudar com uma renda extra”. E, por fim, para a E10 (42 anos), “é muito importante porque podemos levar um pouco desse fortalecimento da nossa cultura.

Figura 11 – Produtos da Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo



Fonte: https://www.instagram.com/raizesdoquilombo_274/. Acesso em: 28 nov. 2024.

Quando perguntamos para as entrevistadas sobre qual a importância da culinária para representar a identidade quilombola, foi possível observar que os alimentos produzidos pela Cozinha, exemplificados nas imagens acima, contribuem para demonstrar as suas identidades através do paladar das pessoas, especialmente a partir da mobilização de memórias afetivas da sua cultura através de alimentos como a paçoca de gergelim, os sequilhos com umburana de cheiro e o beiju, pratos que fazem parte da culinária típica quilombola e das relações deste grupo com seu contexto socioterritorial.

Nas respostas, podemos destacar a menção a diversos produtos e alimentos como representantes da cultura quilombola do Lagoas. Por exemplo, a E01 (28 anos) menciona a geleia de umbú, a geleia de abóbora, e pratos como carne de bode com macaxeira e paçoca de gergelim. A E03 (40 anos) destaca o pintado de milho, carne de bode com mandioca e o grolado²³. Para a E09 (47 anos), são produtos como o gergelim, o pão de raízes, o feijão tropeiro e a carne de bode. A E10 (42 anos) destacou o maracujá do mato (que aproveita para fazer a geleia), além dos pães à base de raízes, o gergelim, o pintado e a carne de bode. Por fim, a E11 (52 anos), também destacou o pintado, a farofa de gergelim, a carne de bode, os pães à base de raízes e o grolado, que destaca que não é produzido na Cozinha, somente a pedidos. Portanto,

²³ Conhecido por muitos como grolado, corresponde a um alimento relacionado com as memórias de escassez dos períodos de estiagem. É um alimento que garantia a sustentabilidade de muitas famílias, sendo até os dias de hoje utilizado nas cozinhas. O grolado consiste em pegar a massa mandioca que será utilizada para fazer a farinha, que é colocada numa panela e fica sempre mexendo para não deixar embolar. Depois é servida como mistura de pratos como com carnes, peixes e até mesmo com feijão mas, especialmente, com o ovo caipira, que era mais fácil o consumo antigamente.

pode-observar que a culinária é um importante elemento para representar a identidade quilombola, como destacado nas respostas do quadro abaixo.

Quadro 07: Relação entre a culinária e a identidade quilombola

Entrevistada	Questão: De que forma a culinária é importante para representar a identidade quilombola?
E01 (28 anos)	“A cozinha é uma das formas de representar nossa identidade, pois é uma forma de produzir o que os nossos antepassados ensinaram os nossos pais e avós que passaram para nós que agora estamos colocando em prática graças a cozinha comunitária, e assim fazendo com que outras pessoas conheçam”.
E03 (40 anos)	“[...] são importantes [os alimentos] para nós representar e reafirma nossas identidades, e aí agente vê que ali é uma importância para toda nossa comunidade como para o nosso território, por que tanto trás uma visão para agente lá na cozinha como para nossa comunidade”
E09 (47 anos)	“A Culinária é uma forma de reafirmar nossas identidades e cultura quilombola”.
E10 (42 anos)	“É um resgate da nossa cultura deixada por nossas antepassados, através dos alimentos”.
E11 (52 anos)	“É uma forma de demonstrar a nossa identidade, do nossos antepassados quilombola, através da comida”.

Quando perguntamos para as entrevistadas sobre qual a importância da culinária para representar a identidade quilombola, foi possível observar que os alimentos produzidos pela Cozinha contribuem para demonstrar as suas identidades através do paladar das pessoas, especialmente a partir da mobilização de memórias afetivas da sua cultura através de alimentos como a paçoca de gergelim, os sequilhos com umburana de cheiro e o beijú, pratos que fazem parte da culinária típica quilombola e das relações deste grupo com seu contexto socioterritorial.

Como podemos observar, a partir dos trabalhos de campo e entrevistas, a cozinha é vista como um projeto importante para o território Lagoas pois é através dela que é fortalecido os laços de convivência e reconhecimento do território quilombola. Se a geração de renda dentro da comunidade tem sua importância, como destacado acima, também é importante destacar o papel que o fortalecimento da culinária dos antepassados tem para a comunidade, para o território Lagoas e para sua afirmação política no debate nacional. Como destacado pela E01 (28 anos), a Cozinha “é uma das formas de representar nossa identidade, pois é uma forma de produzir o que os nossos antepassados ensinaram aos nossos pais e avós que passaram para nós

que agora estamos colocando em prática graças a cozinha comunitária, e assim fazendo com que outras pessoas conheçam”.

Quadro 08: Importância da Cozinha para a comunidade Moisés e Território Lagoas

Entrevistada	Questão: Qual a importância da Cozinha Comunitária para a Comunidade Moisés e para o Território Lagoas? Qual a importância dos alimentos que são produzidos? Como a Cozinha é vista no Território Lagoas?
E01 (28 anos)	“A cozinha é muito importante para a comunidade Moisés, porque é uma forma de inserir a culinária que foi ensinada de geração em geração e partir daí gerar uma renda extra, para o território lagoas foi muito importante também porque a partir do momento que começamos a produzir na cozinha, muitas outras comunidades buscaram ir atrás de cozinhas para suas comunidades”.
E03 (40 anos)	“[...] são alimentos que representam nossa identidade territorial, isso torna a cozinha importante para a comunidade Moisés e para todo o território lagoas, por recebermos também pessoas de toda parte do Brasil, também de fora do Brasil como já aconteceu, então faz da nossa comunidade e para o território muito importante, pois nossa comunidade fica bem visível em todo o território”.
E09 (47 anos)	“Para nós é bastante importante porque é dela que podemos mostrar nossos saberes e pessoas de todas as partes vem conhecer e provar das nossas comidas e gostam muito”.
E10 (42 anos)	“Para mim e para minha comunidade é muito importante pois podemos lutar, pelo nosso território e reafirmar nossa história e nos sentir valorizados”.
E11 (52 anos)	“É importante para a comunidade e para o território por possuir grande influência para as outras comunidades”.

Sabendo da relação da Cozinha Comunitária com o Território Lagoas e da importância deste para estas mulheres e demais moradores, perguntamos o que a palavra *território* significa para elas. Da mesma forma, perguntamos o que significa pertencer ao Território Quilombola Lagoas. Como pode ser observado no quadro a seguir, a palavra *território*, nesse contexto de uma terra quilombola, tem relações com a vida, com a reafirmação, reconhecimento e com a construção das identidades e do território em que se vive. Ter o reconhecimento do Território Lagoas revela-se como importante pois permite que os habitantes se vejam e se reconheçam como pessoas quilombolas. Por fim, destaca-se também a importância do reconhecimento do

seu território como uma forma de não esquecer do passado brasileiro – onde pessoas pretas eram escravizadas – ao mesmo tempo que valoriza as identidades e as representações do povo preto no presente.

Quadro 09: Pertencimento ao Território Lagoas

Entrevistada	Questão: O que a palavra “território” significa para você? O que significa pertencer ao Território Quilombola Lagoas?
E01 (28 anos)	“Território, pode ser considerado o território de um município, ou país mas para mim significa pertencer, pois representa a comunidade que moro e um território gigante no qual lutamos, e pertencer ao território lagoas e ser reconhecidos significa o reconhecimento das nossas origens”.
E03 (40 anos)	“O significado de território para mim anteriormente quando se falava de território o pessoal lembrava e ainda lembra, do período que as pessoas pretas eram escravizadas, que hoje graças a Deus, não somos mais apesar de ainda ter pessoas que ainda querem nos lesar, mais em dizer o que é pertencer ao território quilombola é a gente se sentir bem representado porque está sendo um dos maiores dentro do nordeste, então pertencer ao território Lagoas para mim é me sentir feliz”.
E09 (47 anos)	“Pertencer ao território, para mim é um grande orgulho, pois aqui me sinto valorizada pelas minhas origens e cultura”.
E10 (42 anos)	“Fazer parte do território quilombola pra mim é algo muito importante, pois fora daqui é como se eu não fosse quem eu sou, pois o território nos faz mostrar nossas identidades e a história da nossa cultura”.
E11 (52 anos)	“Significa pertencer ao lugar onde moro e ao território quilombola e nós senti valorizados”.

Assim, na percepção dessas mulheres sobre o território, pode-se compreender que este conceito se expressa como um “fenômeno da experiência concreta do espaço”, onde podemos observar “um grupo unido por ter em comum um ou mais fatores (interesses, vontades, visões de mundo, atividades, ou simplesmente morar ou frequentar um mesmo lugar)” (Paula, 2011, p. 120-121). Como destaca a autora citada, a associação destas pessoas em função de um território em comum demonstra que este recorte territorial corresponde a “uma base para manter o devir de suas ações, o devir do que/como são” (Paula, 2011, p. 121).

Apoiados nas questões apresentadas por Simas (2021, p. 41-46), podemos compreender que a própria Cozinha Raízes do Quilombo se apresenta como um território que permite resgatar e fortalecer as identidades territoriais da comunidade. A Cozinha, como um espaço de contação

de histórias, de lembrança de mitos, de transmissão, destacadamente oral, dos saberes culinários e das lições de ancestralidade desenvolve uma função central para o fortalecimento da territorialidade quilombola e das relações de convivência com o semiárido.

Por exemplo, os usos do umbu pela Cozinha são representativos sobre como esta expressa as relações (ecológicas, sociais, culturais e territoriais) da população com o meio, com o ambiente semiárido da Caatinga. A fruta e a planta, historicamente ligada com a convivência das pessoas com o semiárido, é utilizada na Cozinha a partir de alguns dos seus usos históricos: cozinhar e armazenar a polpa para, posteriormente, ser usada na Cozinha para a produção de geleias, doces e sucos. Da mesma forma, os usos da mandioca também rememoram alguns desses usos tradicionais no processamento e etapas da produção da farinha para a produção de tapioca e beijú.

Nesse aspecto, podemos considerar a importância desses alimentos para as mulheres, para a comunidade Moisés e para o Território Lagoas: promovem uma integração entre a comunidade, fortalecendo suas identidades “para dentro”, mas também uma comunicação com o público externo, apresentando suas expressões culturais “para fora”. Como destaca Simas (2021, p. 41-46), podemos considerar esse perfil de cozinha como um testemunho dos processos de adaptações, transformações e apropriações da sociedade com o ambiente local, de acordo com as circunstâncias de suas histórias. A partir dos conhecimentos expressos pela Cozinha nas suas técnicas, mas também, e principalmente, no conhecimento sobre o ambiente e os recursos que este oferece, podemos observar a forma como esse grupo constrói a sua territorialidade a partir de uma convivência com o semiárido e pela valorização de sua ancestralidade. E, na compreensão destas mulheres, essas questões passam a ser expressas e mobilizadas diretamente a partir da Cozinha. Nas palavras de uma das entrevistadas:

“Fazer parte do território quilombola pra mim é algo muito importante, pois fora daqui é como se eu não fosse quem eu sou, pois o território nos faz mostrar nossas identidades e a história da nossa cultura. [...] [A Cozinha] é muito importante porque podemos levar um pouco desse resgate da nossa cultura, para várias partes do Brasil e até para fora. [...] É um resgate da nossa cultura deixada por nossas antepassadas, através dos alimentos” (E10, 42 anos).

Da mesma forma, Claval (2014) lembra-nos que a forma como os grupos desenvolvem os seus cultivos, se apropriam dos produtos da fauna e flora local e desenvolvem técnicas na produção e seleção dos alimentos ajuda-nos a compreender as relações sociais, históricas e culturais na produção dos seus territórios. Assim, a alimentação – e a seleção dos produtos que são usados em cada culinária – seria um reflexo das estruturas da sociedade, sendo a comida um “prazer compartilhado” que proporciona uma “convivialidade” e um “papel-chave na vida social” (Claval, 2014).

Em outras palavras, a cozinha e a expressão de tradições culinárias podem nos ajudar a compreender três aspectos que são centrais para destacarmos a importância do Território Quilombola Lagoas para o nosso país: ajuda-nos a compreender as especificidades do tempo e do meio local, reforçando os valores patrimoniais e identitários do grupo quilombola; permite a compreensão das combinações produtivas próprias para cada região; e ajuda-nos a apreender a diversidade regional como cada cozinha adapta a disponibilidade de produtos a partir das relações estabelecidas entre os grupos com o meio. Essas duas últimas questões sendo centrais para considerarmos a forma como esses grupos constroem sua convivência com o semiárido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou uma análise ampla e significativa do papel desempenhado pela Cozinha Comunitária Raízes do Quilombo na preservação e fortalecimento das identidades territoriais quilombolas, com ênfase na comunidade Moisés. Ao longo da pesquisa, ficou evidente que a Cozinha se constitui como um símbolo de resistência cultural, econômica e social, promovendo não apenas a geração de renda, mas também a valorização das tradições locais e o fortalecimento do sentimento de pertencimento territorial.

A utilização de metodologias qualitativas, como as entrevistas e a observação participante, revelou-se essencial para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais que permeiam a relação entre as mulheres da Cozinha e o território Lagoas. Essas estratégias metodológicas não apenas enriqueceram a análise, mas também permitiram capturar aspectos subjetivos e simbólicos que, de outra forma, poderiam ter passado despercebidos.

Além disso, a minha vivência pessoal como moradora da comunidade Moisés proporcionou uma dimensão autorreflexiva ao trabalho. Ao mesmo tempo em que investiguei o papel da Cozinha para a comunidade, também revisei minhas próprias experiências e memórias vinculadas ao território e à cultura local. Esse processo me levou a reconhecer o valor inestimável das práticas culturais transmitidas de geração em geração, bem como a importância de iniciativas comunitárias que buscam resistir às forças externas que ameaçam a continuidade dessas tradições.

Ao concluir este trabalho, sinto que ele representa não apenas uma contribuição acadêmica, mas também um chamado à ação para que políticas públicas mais efetivas sejam implementadas no apoio às comunidades quilombolas. O fortalecimento dessas comunidades passa pela valorização das suas histórias, saberes e modos de vida, elementos que este estudo buscou evidenciar.

Finalmente, espero que esta pesquisa inspire outros estudos voltados às relações entre território, identidade e cultura, além de contribuir para o reconhecimento da riqueza simbólica das comunidades quilombolas. Que ela também seja um lembrete da força e da resiliência das mulheres que, através da Cozinha Comunitária, seguem moldando o presente e preservando o futuro do Território Quilombola Lagoas.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Daniel A. de; URIAS, Gabriel; OLIVEIRA, Leonardo Luiz de. A revisão de literatura como método de pesquisa na Geografia: Uma scoping review. **Boletim Paulista de Geografia**, nº 109, jan.-jun. 2023, p. 65-88. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/2955>. Acesso em: 25 mar. 2024.
- BONNEMAISON, Joel. O território como um sistema cultural. In: DI MÉO, Guy; BOYER, Jean-Claude (Org.). **Geografia cultural: os lugares, o espaço e a cultura**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- BONNEMAISON, Joel. Territorialização e cultura. In: LACOSTE, Yves (Ed.). **Dicionário geopolítico das regiões do mundo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **GESTÃO E SOCIEDADE**, Belo Horizonte, Vol. 5, Número 11, Maio/Agosto 2011, p. 121-136. Disponível em: <https://ges.face.ufmg.br/index.php/gestaoesociedade/article/view/1220/906>. Acesso em: 25 mar. 2024.
- BRASIL, Claudio Raimundo de Bastos; MENESES, Fernanda Rezer de; PINTO, Gláucia Delavechia Pinto. **Políticas Públicas para a Agricultura Familiar: distribuição e resultados do PRONAF em São Vicente do Sul - RS**. In: VI Simpósio da Ciência do Agronegócio, 2018, Porto Alegre. Anais do VI Simpósio da Ciência do Agronegócio, 2018. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/cienagro/wp-content/uploads/2018/10/Pol%C3%ADticas-P%C3%BAblicas-para-a-Agricultura-Familiar-distribui%C3%A7%C3%A3o-e-resultados-do-PRONAF-em-S%C3%A3o-Vicente-do-Sul-RS-Claudio-Brasil.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2024.
- Claval, P. **A Geografia Cultural**. 4ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.
- FARIA, Ana Tereza Dutra Pena de. **Comunidade quilombola Lagoas**. Belo Horizonte: FAFICH, 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/lagoas.pdf>. Acesso em: 10 out. 2024.
- HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 6. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia Cultural: Uma antologia**, volume II. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 233-244.
- HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. **GEOgraphia**, v. 22, n. 48, 2020.
- LA CECLA, F. Comme des cheveux sur la soupe (La nourriture comme malentendu). In: LA CECLA, Franco. **Le Matentendu**. Paris: Éditions Balland, 2002, p. 59-64.
- LIMA, Maria da Vitória Barbosa; FIGUEIRÊDO, Luciano Silva; CAMPOS, Alino da Silva; ARAÚJO, Hellen Beatriz da Silva; COSTA, Maria Helena Ferreira da; LIMA, Samanta de Sousa. Antropologia visual na comunidade Lagoa do Moisés em São Raimundo Nonato, Piauí. **Cuadernos de educación y desarrollo**, v. 16, n. 9, 2024, p. 01-22. Disponível em:

<https://cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/5565>. Acesso em: 14 nov. 2024.

MATOS, Simone de Oliveira. **Povos de Lagoas-PI na construção da territorialidade quilombola**: Uma etnografia. Teresina, 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia, Universidade Federal do Piauí, 2013.

PAULA, Fernanda Cristina de. Sobre a dimensão vivida do território: tendências e a contribuição da fenomenologia. *GeoTextos*, 2011, 7(1), p. 105-126. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/1984-5537geo.v7i1.5271>. Acesso em 28 nov. 2024.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RATTS, Alecsandro J. P. A geografia entre as aldeias e os quilombos: territórios etnicamente diferenciados In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTS, Alecsandro J.P. (Org). **Geografia: Leituras Culturais**. Goiânia: Ed. Alternativa. 2003, p. 29-48.

SANTOS, Milton. O retorno do territorio. In: **OSAL: Observatorio Social de América Latina**. Año 6 no. 16 (jun. 2005-). Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 251-261.

SANTOS, Eduardo Rodrigues. **“O futuro do mundo está no mato”**: conexões entre o Quilombo Lagoas e a terra. 2022. 168 f., il. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

SILVA, Sandro Pereira. Agricultura familiar e território: aspectos conceituais e analíticos sobre a multifuncionalidade e a pluriatividade. **Campo - Território**, v. 11, p. 243-271, 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/31849>. Acesso em: 29 nov. 2024.

SILVA, Judson Jorge da. **Da condição de periferia na periferia do capital à incorporação na lógica das políticas hegemônicas para o território**: Análise das estratégias de atração de mega projetos de mineração para o Estado do Piauí. Recife, 2023. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, 2023.

SIMAS, L. A. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Território e (des)territorialização. In: SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013, p. 77-110.

OLIVEIRA, Emanuel Jardel Alves. Racismo ambiental e reivindicação territorial da Comunidade Quilombola Lagoas - PI (2008-2014). **Politeia - História E Sociedade**, 19(2), 2020, 325-341. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/politeia.v19i2.7369>. Acesso em: 29 nov. 2024.

VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.). **Pesquisas urbanas**: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 11-19.

APÊNDICES

GUIA PARA AS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

PREÂMBULO - Breve perfil do(a) entrevistado(a)

Data da entrevista –

Nome da entrevistada –

Idade –

Escolaridade –

Relação com a terra/com a comunidade (proprietário, morador, assentado etc.) –

Quanto tempo mora na comunidade? Como e quando chegou à comunidade? –

Tamanho e composição da família (Estado civil, filhos etc.) –

Desde quando trabalha na Cozinha Comunitária?

Qual a sua função na Cozinha?

O que faz/trabalha (tem algum outro trabalho além da Cozinha?)?

PARTE 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE O PROBLEMA DE PESQUISA

Caracterização sobre a Cozinha Comunitária e da agricultura no Moisés

1. Como surgiu a ideia de construir a Cozinha Comunitária? De quem foi a ideia de construção da Cozinha?
2. Quais atividades são desenvolvidas na Cozinha? Qual o papel das mulheres na Cozinha?
3. Como a Cozinha aproveita os produtos produzidos pelos agricultores da comunidade? Quais são aproveitados pela Cozinha?
4. A comunidade aqui vive de que? O que cria/planta/coleta e como faz? Quais os terrenos são usados e os terrenos que não se usa (Para que? Por que?)? Quais produtos são cultivados pelos agricultores da comunidade?
5. Quais produtos são retirados da Caatinga? Qual a relação da comunidade com a mata (usa lenha, coleta umbu)?
6. Além do cultivo e da Cozinha, existem outras atividades econômicas na comunidade? Os agricultores fazem outra atividade?

PARTE 2 - RELAÇÕES COM A COZINHA COMUNITÁRIA

Relações das mulheres com a Cozinha e importância desta para reafirmar e expressar suas identidades

7. Qual a importância da Cozinha Comunitária para você?
8. Quais produtos fazem parte da culinária típica quilombola? Quais desses produtos são produzidos na Cozinha Comunitária?
9. A Cozinha tem relação com algum programa de segurança alimentar, com algum projeto do Estado?
10. De que forma a culinária é importante para representar a identidade quilombola?
11. Qual a importância da Cozinha Comunitária para a Comunidade Moisés e para o Território Lagoas? Qual a importância dos alimentos que são produzidos? Como a Cozinha é vista no Território Lagoas?
12. O que a palavra “território” significa para você? O que significa pertencer ao Território Quilombola Lagoas?